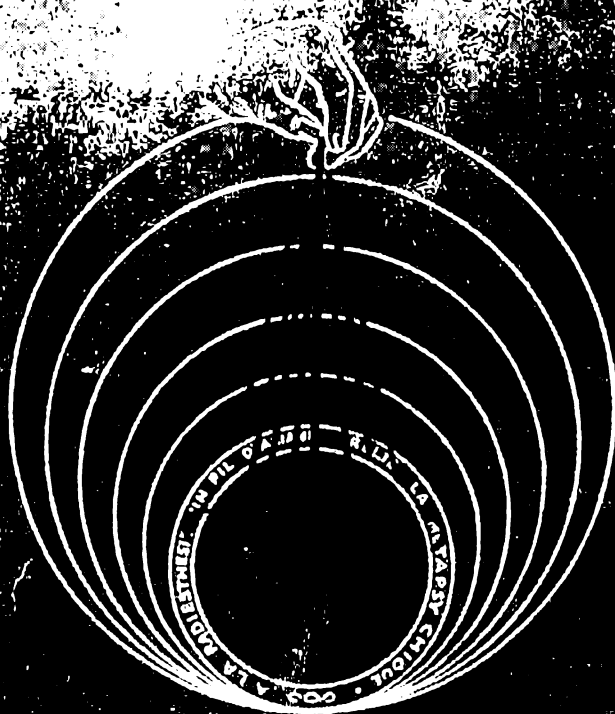


A RADIESTESIA NO LAR

Classe própria
para o médico e o
para a família



INSTITUTO DE RADIESTESIA

DR. E. SAEVARIUS



"Sê teu próprio médico e
o de tua família".

A RADIESTESIA NO LAR

O Pêndulo detector e pesquisador dos
remédios para a cura das doenças,
posto ao alcance de todos

4.^a EDIÇÃO



EDIÇÕES CULTRIX

Penser, chercher, agir...
Autant d'efforts perdus
Si la Foi ne vous guide



**O pêndulo detector e pesquisador dos
remédios para a cura das doenças,
posto ao alcance de todos**



**Em todos os tempos a Providência
incutiu na mentalidade humana os
meios de combater e de atenuar seus
sofrimentos, quando não de vencê-los.**

ÍNDICE

	PÁG.
PREFÁCIO DA 2. ^a EDIÇÃO	7
PREFÁCIO DA 1. ^a EDIÇÃO	11
INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I — O pêndulo	27
CAPÍTULO II — Interpretação das manifestações do pêndulo ..	37
CAPÍTULO III — Das radiações — Algumas noções explican- do sua produção e sua captação	45
CAPÍTULO IV — Pesquisa ou seleção de remédios	55
CAPÍTULO V — Das causas dos erros	69
CAPÍTULO VI — Remédios selecionados pelo pêndulo — Seu modo de aplicação conforme os casos	77
CAPÍTULO VII — O nosso novo método ou "Método das Fi- chas"	91
CAPÍTULO VIII — Outras aplicações do pêndulo	97
CAPÍTULO IX — Particularidades que se manifestam no ma- nejo do pêndulo	101
CAPÍTULO X — Extensão do emprêgo do pêndulo e dos mé- todos radiestésicos ao tratamento das doenças dos ani- mais domésticos	107
CAPÍTULO XI — Dos ovos — Reconhecimento do sexo dos seus germens	109
CAPÍTULO XII — Aplicação dos métodos radiestésicos às questões agrícolas — Verificação da qualidade das ter- ras — Sua análise — Exame das plantas e sementes e escolha do terreno adequado à sua germinação e seu de- senvolvimento	113
CAPÍTULO XIII — Da escolha do adubo conforme a qualida- de das terras, das plantas e sementes — Relação de re- ciprocidade entre o adubo e as plantas e as sementes ...	117

CAPÍTULO XIV — Das plantas mais indicadas para serem plantadas ao redor das habitações	119
CAPÍTULO XV — Enfermidades dos vegetais	123
CAPÍTULO XVI — Radiações nocivas — Casas do Câncer..	125
CAPÍTULO XVII — Verminose — Exposição do método das fichas aplicado à verminose — A verminose no homem e nos animais — Fauna microbiana	133
CONCLUSÃO	145

Prefácio da 2.^a Edição

A boa acolhida dispensada pelo público à obrinha "A Radiestesia no Lar" alentou-nos a reeditá-la.

O seu êxito foi brilhantemente demonstrado pela rapidez com que se esgotou a primeira edição que, destinada especialmente aos leitores do interior do Paiz, foi, entretanto, quase que exclusivamente absorvida na Capital do Estado. O seu sucesso foi patente. Os numerosos pedidos que nos chegaram às mãos animaram-nos a lançar esta segunda edição com uma tiragem muito maior.

Nesta nova edição, sem afastarmos-nos do objetivo principal que nos norteou na primeira, e em vista de torná-la sobretudo mais útil, senão indispensável a todos os lares e a todos os leitores do interior dos demais Estados, principalmente aos lavradores e criadores, tivemos o cuidado de revê-la, corrigi-la com mais nove capítulos. Os nove capítulos suplementares fornecem dados instrutivos sobre diversos assuntos de grande interesse para todas as pessoas que residem em sítios e fazendas do interior, assuntos esses que, obedecendo à índole principal da primeira edição, isto é, à cura das doenças em geral, estendem-se também ao tratamento das moléstias que afetam os animais domésticos. Os aditamentos com que enriquecemos esta obra, são uma espécie de antecipação à prática da medicina veterinária que, por enquanto, não sofre nenhuma proibição nem exige diploma de doutor. Nesses capítulos su-

plementares, o leitor encontrará todos os dados necessários para cuidar da saúde de qualquer criação e os meios práticos de curar as doenças dos animais com a aplicação pura e simples dos métodos radiestésicos, expostos na obra e com os quais já deve estar suficientemente familiarizado ou com o estudo dos quais adquirirá a prática indispensável para levar a bom termo o tratamento das doenças humanas, mercê das pesquisas e seleção dos remédios pelo pêndulo radiestésico.

Mas, não nos limitámos ao estudo dos princípios e métodos aplicáveis ao tratamento dos animais domésticos. Abordámos também o estudo concernente à criação galinácea, indicando os meios a empregar para reconhecer o sexo dos ovos, a fim de seleccioná-los para o efeito da sua incubação. Esses conhecimentos são de grande utilidade se se tem em vista a melhoria e a renda mais vultosa da criação de galinhas.

Sabido como é, que, na Natureza, tudo quanto tem vida está sujeito asofrer entraves de desenvolvimento devido a acidentes vários ou a causas fortuitas que afetam a função de certos órgãos, origem de todas as enfermidades, dispensamo-nos de encarecer o valor destes estudos.

Nos vegetais encontram-se numerosas plantas, sobretudo entre as arbórescentes, (fato que não se nota em outras de menor importância) e mui particularmente nas árvores cuja vida vai além de muitas décadas e mesmo de séculos, diversas modalidades de enfermidades no seu ciclo vegetativo. Se nos falecem os meios e remédios para tratar desses vegetais, a Radistesia nos proporciona a possibilidade de descobri-los, por um rápido diagnóstico, prestando-nos assim um serviço de revelante importância no que concerne às explorações florestais. Aduzimos também preciosas indicações práticas pertencentes à arborização das casas de moradia, tendo em

vista a salubridade das mesmas e a saúde de seus moradores.

No capítulo referente ao reino vegetal, não podíamos dispensar-nos de mencionar os métodos radiestésicos aplicáveis às questões agrícolas e agronômicas que com ele se relacionam.

Nesta nova edição o leitor encontrará os meios práticos para a análise das terras; saberá fazer a seleção das sementes e plantas para determinadas terras bem como reconhecerá qual o adubo próprio e adequado de que precisam as mesmas para sua melhoria como fonte de maior produção.

Concluindo, reservámos um capítulo especial, de relevante importância, que o leitor muito apreciará, relativo à saúde do homem. E' o que trata das radiações nocivas que afetam muitas casas de moradia e que aos poucos se vão descobrindo, quer nas cidades, quer pelo interior afóra. Essas radiações perniciosas são as que, em sua maior parte, contribuem para o câncer e seu desenvolvimento, doença terrível que tanto pesa nas estatísticas demográficas.

A descoberta dessas radiações nocivas de que padecem e morrem tanto cancerosos, fez com que os doutores radiestesistas as denominassem, aliás com muito acerto, de "Casas do Câncer".

As pessoas sujeitas a tais emanções sofrem as consequências de diversas doenças que a medicina não chega a curar por desconhecer-lhes as causas e, posto que, em sua maioria incuráveis, a radiestesia constata a presença dos sintomas das radiações nocivas dessas habitações, tais como insônias e outras enfermidades, geralmente rebeldes a qualquer tratamento médico...

Não raro, a temível moléstia de que nos ocupamos, manifesta-se a princípio, por sintomas que nada apresentam de grave ou alarmante, assim como insônias e

outros pequenos incómodos que não cedem a nenhum tratamento, tornando-se, porém, graves com o correr do tempo. Nesse capítulo o leitor encontrará não só os meios de preservação, como os de descobrir se no subsolo de sua residência existe ou não o foco dessas emanações prejudiciais à sua saúde e, pois, os meios de precaver-se contra as mesmas. Ainda ajuntámos um capítulo tratando da verminose no homem e nos animais.

O leitor constatará, ainda, que o suplemento literário que entra na composição desta nova edição, dá-lhe, sobre a primeira, um acréscimo importante. Além das correções e demais elementos explicativos, o leitor encontrará aqui um campo mais vasto quanto aos métodos e processos de pesquisas das enfermidades humanas e quanto à seleção dos remédios a empregar, no tratamento de diversas doenças. O conjunto dos ensinamentos em relação ao emprego do pêndulo e dos métodos radiestésicos, sejam quais forem as pesquisas a realizar, são de molde a resolver todas as dificuldades que por ventura se apresentem, de acordo com os mesmos processos já indicados e descritos no texto desta obra.

Resumindo. — Esta segunda edição pela relevância das novas matérias tratadas — o que lhe aumenta o valor — matérias que aplicam a aplicação radiestésica do pêndulo a outros ramos esplanando de maneira notável os assuntos primitivamente tratados, constituem apenas um prolongamento da 1.^a edição.

Esta segunda edição, acrescida como foi de mais de metade de literatura em relação à primeira, revista e refundida como foi, constitui uma NOVA OBRA sob o mesmo título.

Dr. E. S.

Prefácio da 1.^a Edição

Lançamos à publicidade as divulgações contidas neste livrinho para contribuir, embora modestamente, à obra de inúmeros benfeitores da humanidade, filantropos e cientistas desinteressados cujo propósito foi de aliviar, cada um segundo seus próprios meios, quer pecuniários, quer por descobertas de alto alcance nos meios mais populares, os sofrimentos humanos, ou ainda, pela aplicação de métodos novos que se recomendam por si sós, pela sua singeleza, sua inegável eficácia e acima de tudo, por estarem ao alcance de TODOS.

Nove décimos da humanidade padecem!

muitas vêzes os enfermos não acham o remédio eficiente, capaz pôr termo às suas dores, nem proporcionar-lhes um alívio qualquer.

As vêzes, os reflexos enganam o doente e levam-no a localizar o mal numa parte do corpo ou do organismo onde nenhuma alteração ou perturbação existe. Assim, o doente propende — se não recorre à ciência de um médico — a valer-se de medicamentos de que não tira proveito, nem melhoras.

A doença continúa sua marcha com seu cortejo de pãdecimentos, agravando-se quase sempre, causando desespero e, às vêzes, desânimo aos doentes que chegam a acreditar incurável a sua enfermidade, quando a razão depende, apenas, da boa escolha do medicamento para o seu caso.

O médico diagnostica a doença e receita a seu critério o medicamento mais próprio, para dar novamente ao o*rgão doente a sua função normal, isto é, a vida, com a renovação de suas células afetadas e alteradas nas suas manifestações funcionais. Pelos seus estudos especiais, o médico só poderá estabelecer um diagnóstico seguro e receitar um remédio acertado e adequado ao caso.

Mas, não é dado, nem permitido a todos os doentes, a todos os que padecem enfermidades aproximar-se de um médico para consultá-lo. nutil será expôr aqui as multiplas razões de tais impedimentos. O pauperismo em alguns países e a miséria em certas classes sociais, são as principais causas — sobretudo quanto ao custo a que tem chegado a maior parte dos medicamentos, de tais abstenções.

Admitir-se-á porém, sejam quais forem esses impedimentos, que os doentes, que constituem essa categoria e que são multidão, fiquem privados dos recursos da ciência, e da arte da medicina?

Na humanidade é essa classe a mais interessante, tanto mais quanto é ela a mais numerosa e sem contes-tação possível, merece ser educada, preparada e socorrida para, nesse mesmo ponto, bastar-se a si mesma, pondo-se²lhe em mãos os meios de dirimir o que mais pesa sobre ela, a afeta e até paralisa toda a iniciativa, aniquila os seus esforços e arruína o fraco orçamento familiar.

E' com o fim de afastar e enxotar para longe do lar, até o espectro da doença, que temos pensado nesta publicação, pondo-a em condição de vencer todos esses obstáculos e de fomentar o reerguimento de um futuro mais calmo, tranquilo e alegre.

Fomos pois, levados, com propósito, a divulgar um método recém-descoberto, recém-nascido e que, a passos

contados, mas firme e seguros, vae se adiantando de um modo maravilhoso, na via do processo pelos esforços perseverantes e tenazes de numerosos cientistas que, em quase todos os países do mundo, têm-se dedicado a esse estudo.

Poder-se-ia perguntar. “ Por que, em tempo tão curto, terá progredido tão vertiginosamente, tão rapidamente essa ciência nova que deu origem ao novo método hoje aplicado à arte da medicina”?

A resposta é fácil, categórica e breve: “São os resultados irrefutáveis, surpreendentes, quase milagrosos — em sua aparência — que com sua aplicação, se têm verificado e realizado.”

Os seus efeitos são conhecidos, porém as causas que os produzem estão ainda envoltas numa cerração espessa que impede, por enquanto, pôr à luz do dia, apoiadas numa base rigorosamente científica, as relações que existem de causas e efeitos.

Não obstante, as experiências repetidas aos milhares por cientistas estudiosos, e mórmente dos mais competentes — nessa ciência nova — doutores em ciências e em medicina, em farmácia e em veterinária, engenheiros e muitos outros eruditos — pelas experiências que que fizeram com muito êxito, deram resultados que permitem a conclusão seguinte: “Os fatos observados e perfeitamente comprovados por mais que pareçam extraordinários, são reais, verdadeiros, irrefutáveis; e se, difficilmente explicáveis, firmados em bases científicas, não deixam de chamar a atenção geral pelos grandes proventos que deles já se têm tirado no ramo aplicado à medicina, para maior benefício da humanidade e da esperança que deles resultarão no futuro”.

Essa ciência nova chama-se R A D I E S T E S I A.

Tem ela um parte importantissima aplicada à medicina:

“Diagnóstico das enfermidades e escolha ou pesquisa dos remédios”.

Para nós, é este último ramo, a escolha ou pesquisa dos remédios, isto é, a sua seleção, que desejariamos ver introduzir-se nos lares, e que é a base do tema exposto e desenvolvido neste modesto livrinho que, despretencioso, apresentamos sem outra finalidade que não a de prestar os maiores serviços às famílias e a todos que se animarem a acolher o PÊNDULO como seu principal e melhor conselheiro em todos os casos em que a saúde entrar em jôgo.

Esforçamo-nos por condensar, num breve resumo, os principais conhecimentos indispensáveis que cada Operador deve saber para tirar proveito dos incalculáveis benefícios que, em todos os lares, é e será possível conseguir com o emprego e uso do pêndulo, para os fins colimados.

INTRODUÇÃO

Antes de aprofundar a matéria cujo assunto nos propomos apresentar e que, a seguir, vai ser desenvolvido, achamos conveniente e lógico informar e instruir, ainda que sumariamente, os que, dentre os futuros leitores, não conhecem por enquanto essa ciência nova chamada "Radiestesia".

O seu nome actual é uma denominação que muito recentemente lhe foi dada e que veio substituir o de Rabdomancia ⁽¹⁾ como era conhecida e designada antigamente. Dava-se na França o nome de "**Vêdores**" (Sourciers) aos buscadores de "**Sources**", isto é, de fontes, mananciais, e cursos de água subterrâneos aos membros dessa diminuta corporação, que para esse fim, valiam-se da "**varinha**", mas que operavam esparsos sem ligação entre si.

A princípio, essa varinha era de aveleira. Consistia num ramo bífido, isto é, que tinha a forma de uma forquilha.

A invenção dessa varinha e o reconhecimento de suas propriedades são milenários. Empregava-se na China em épocas remotíssimas, onde as suas virtudes tinham sido reconhecidas dezenas de séculos antes de sua existência ter chegado ao conhecimento dos povos europeus, por intermédio dos da Ásia e do Egito.

Pelas milagrosas descobertas que favorecia a dita varinha, foi-lhe dado o nome de "**varinha Mágica**".

⁽¹⁾ Do grego — rhabdos = Varinha e mantela = adivinhação.

e também, o de "Varinha Adivinhatória". Servia não só para a descoberta das fontes e cursos de água subterrâneos, como também, das minas e minérios, dos metais preciosos, prata, ouro, e das gemas. Servia igualmente para descobrir os ladrões e até os assassinos.

Apesar de qualidades tão preciosas e do poder milagroso que oferecia, a varinha adivinhatória caiu em desuso quase completo e ficou esquecida durante alguns séculos. No ano de 1541 descobriu-se um velho engrimanco que a ela aludia, conferindo-lhe, porém, um poderio de bruxaria. No século XVII, o seu uso voltou a conseguir nova fama.

Século e meio mais tarde, um padre francês, de VALLEMONT, publicou um livro — "La Physique Occulte", no qual fazia muitas referências às propriedades da varinha.

Pouco depois, veio em França um belga que, com a dita varinha, descobriu importantes minas de diversos metais. Em virtude dos serviços prestados ao reino, o rei Luiz XIV concedeu-lhe algumas distinções e recompensas. ⁽¹⁾

Mau grado as grandes vantagens da forquilha de aveleira pelas mais inesperadas e importantes descobertas que permitia fazer, caiu outra vez em completo esquecimento em que se conservou por mais de um século.

Pelo ano de 1843, Chevreul, o grande químico francês, foi incumbido de estudar as virtudes de uma dessas varinhas, trazidas da China.

Mas, apesar de tudo quanto se dizia das extraordinárias e maravilhosas propriedades dêsse galho

⁽¹⁾ Jean du Chastelet, Baron de Beausoleil e d'Auffenbach, casado com uma francesa Martine de Bertereau, gastaram por sua própria conta uma soma importantíssima em suas buscas.

bífido de aveleira, o sábio não lhe deu importância nenhuma, atribuindo apenas alguns resultados positivos às sugestões do operador, que se baseava mais, segundo suas apreciações para suas descobertas de rios subterrâneos, no aspecto físico do solo. Após essa resposta do maior cientista da época, que era a conclusão do seu relatório a infeliz varinha ficou outra vez esquecida.

Mas este último desprezo, quase oficial, não o foi senão por um tempo relativamente curto e foi o último que teve de sofrer e também, a sua última humilhação.

Pouco mais tarde, de 1860 em diante, a voga da varinha vingou de novo e o seu manejo voltou a ser vulgarizado e aplicado em maior escala.

Entre as pessoas que mais a usavam e empregavam, distinguíam-se diversos abades.

No decorrer do fim do século XIX, tinham-se adaptado à feitura dessas varinhas diversas matérias, mesmo as mais heteróclitas. Havia sido comprovado por alguns vedores e praticantes que a essência da madeira não lhe conferia nenhuma das propriedades que faziam a fama da varinha de aveleira, e que além da madeira, outras matérias podiam ser utilizadas para o mesmo fim.

Finalmente, mais tarde ainda, foi aplicado às mesmas buscas o pêndulo que consistia numa pequena massa de qualquer matéria, suspensa por qualquer fio.

Sem deixar, nem abandonar o uso da varinha, o pêndulo tornou-se para as mesmas buscas tão valioso quando o era aquela e mesmo, por numerosos vedores, de fama já consagrada, foi reconhecido, em muitas circunstâncias, que o pêndulo levava vantagens muito precíaveis e às vezes, mais práticas que a varinha.

Foi a partir dessa época, relativamente recente, que os progressos dos vêdores andaram a passos de gigante, atraindo um número sempre crescente de adeptos, à prática e ao estudo das manifestações tanto da varinha como do pêndulo.

As descobertas que se fizeram eram tôdas assinaladas com um cunho milagroso, e os resultados a que tinham chegado causavam até perturbações ao espírito dos operadores, pelo que tinham de extraordinário e mesmo de fantástico.

Um certo número de cientistas dentre os mais afamados que, a princípio, não queriam acreditar nas revelações feitas por instrumentos tão singelos e mesmo rústicos, foram, depois de experimentá-los, os adeptos mais firmes, os melhores propagandistas e os mais convencidos apóstolos da nova ciência.

Prosseguindo suas experiências com êxito, formularam algumas leis que se baseavam em diversos factos — por estranhos que parecessem — nos quais se apoiavam, obedecendo aos mesmos, com todo o rigor de uma perfeita exatidão.

Foram levados a orientar suas pesquisas e seus estudos a diversos ramos científicos estendendo-os, quanto possível, a tôdas as investigações para onde os impelia sua tendência ou sua curiosidade.

A medicina, pois, não podia escapar às suas buscas. O primeiro que teve a idéia de aplicar o pêndulo — mais sensível que a varinha em certos casos e também de manejo mais fácil e proveitoso — às pesquisas das anomalias do corpo humano, e doenças em geral, foi o abade MERMET ⁽¹⁾ que, pelas demais pesquisas a que procedeu, com extraordinário êxito, deve ser considerado como o grande animador e propagandista da Radestesia, tendo-se tornado com sua

(1) O abade MERMET, cura de Jussy, na Suíça, mas cidadão francês, morreu no dia 7 de setembro de 1937.

alta competência, um "az", dos mais acreditados nessa nova ciência.

Logo depois, numerosos doutores em medicina, em farmácia, em veterinária e até engenheiros procuraram sempre, com o maior êxito, diagnosticar as enfermidades que afetam o organismo humano.

Os resultados conseguidos atestam uma assombrosa exatidão nessas buscas que permitem conhecer a região certa e com a mais rigorosa precisão, a extensão e a profundidade do mal que afeta e de que sofre o paciente; e até mesmo, o grau de desorganização a que pode chegar o órgão doente.

Tão seguro é esse diagnóstico que, sem hesitação, o médico pode prescrever, com acêrto, o remédio próprio para a doença.

E' claro que, se unicamente nisso consistissem as revelações do pêndulo, êste considerar-se-ia como proveitoso e acessível, somente, quanto às suas manifestações, a experimentadores e praticantes instruídos e com noções da ciência médica.

Os profanos em medicina não poderiam valer-se do pêndulo senão para outras buscas. Felizmente, se tão singelo instrumento permite fazer o diagnóstico de um doente, serve também para a escolha do medicamento mais apropriado para a cura da moléstia descoberta.

A mão que suspende o pequeno aparelho pode pertencer tanto a um doutor como a um analfabeto. O pêndulo não obedece à mão que o tem suspenso, mas sim, aos eflúvios, às emanações que se desprendem, sob forma de ondas ou vibrações, e se irradiam em tôdas as direções do corpo ou do órgão doente, como de qualquer outro corpo ou material.

O mais ignorante, sem preparo nenhum, compreenderá muito bem que, de um corpo doente emanarão vibrações ou radiações muito diferentes das irra-

diadas por um corpo são. De onde decorre o seguinte princípio absoluto: "Diante de um órgão doente, o pêndulo não se comporta de igual modo como diante de um órgão são."

As manifestações e reações do pêndulo, portanto, na mão de qualquer profano, homem ou mulher, corresponderão sempre ao estado, quer normal, quer alterado, do órgão submetido ao diagnóstico, ou exame pendulário.

Isto está tão suficientemente comprovado que não admite nenhuma refutação. Deduz-se do que antecede que, se o pêndulo indica com a maior aproximação o remédio mais próprio para tal ou qual doença diagnosticada pelo mesmo instrumento, é evidentemente lógico — isso após milhares de experiências — que se o doente carrega consigo o dito remédio quer na mão, quer apoiado numa parte qualquer do corpo, ou até num bolso do seu traje, as radiações do remédio modificarão imediatamente as do órgão alterado. O pêndulo manifestará o restabelecimento do equilíbrio e a normalidade do órgão doente, se é que o medicamento foi acertadamente escolhido.

E' uma coisa maravilhosa. Negá-la antes de tê-la experimentado, seria dar prova de ignorância ou de teimosia premeditada.

Por estranhas, inexplicáveis e extraordinariamente milagrosas que pareçam essas manifestações, a explicação das teorias, mais ou menos científicas em que diversos autores se apoiam para elucidar os fenômenos extraordinários obtidos, quer com a varinha, quer com o pêndulo, não cabe neste pequeno trabalho. O nosso escopo é apenas, resumindo-as apresentar as manifestações desses instrumentos quando, tão somente aplicados a pesquisar os medicamentos adequados à cura em geral, das doenças que afetam o organismo humano.

Agora, pela que acima ficou exposto, verifica-se que o remédio segurado na mão, restabelece o estado normal do doente como se o tivesse ingerido e estivesse curado. O pêndulo ensina, ademais, que o mesmo se dá quando o experimentador o conserva na sua própria mão, quer na esquerda, quer na direita.

Portanto, deduziremos dêsses fatos, milhares de vêzes comprovados que, tendo-se um enfêrmo em sua presença, sem procurar diagnosticar qual a doença de que padece, empregar-se-ão para a escolha de remédio, conforme as manifestações do pêndulo, dois meios:

a) Um após outro, achando-se colocados pertinho do paciente diversos medicamentos, o mesmo paciente vai pegando-os enquanto o operador tem suspenso o pêndulo a poucos centímetros de uma das mãos do doente ou ainda da parte do corpo onde sente as dores. O instrumento elimina uns, escolhe outros. Dos escolhidos, vai-se usando o remédio que apresenta maior atividade; esta é indicada pelos movimentos mais vivos e rápidos do pêndulo. O círculo de base que descreve o pêndulo nas suas gições, será o maior possível e em relação às influências mais ou menos ativas que possam intervir no momento das experiências.

b) Procede-se da mesma forma, quando é o próprio operador que pega os remédios, uns após os outros.

Tanto de um modo como de outro, o resultado é o mesmo.

E' certo que aqui a dificuldade consiste em ter em seu poder um certo número de remédios capazes de curar ou de se empregarem para o tratamento de múltiplas enfermidades ou quando menos, das que mais frequentemente vêm bater à porta dos lares.

A alopatia fornecê-los-á. Mas a dificuldade é ainda o seu custo de aquisição.

Para as experiências radiestéticas, a quantidade necessária, a título de amostra (amostra-testemunha), é insignificante. Bastariam apenas alguns miligramas. Assim mesmo o seu custo, para constituir uma quantidade suficiente dessas amostras, seria bastante oneroso.

Por esse motivo, achamos melhor e mais conveniente recomendar a escolha dos remédios homeopáticos.

Com efeito, a homeopatia apresenta tríplice vantagem:

a) A dosagem do remédio ativo é certa e corresponde real e diretamente ao caso, conforme a diluição do medicamento.

b) A constituição de uma botica-amostra, com um centena de remédios ou mais ainda, para tê-las mais completa, é o que há de mais fácil em conseguir-se: sendo tinturas, bastam tubinhos de 1 a 2 centímetros cúbicos; sendo comprimidos, tubinhos contendo apenas meia dúzia de pastilhas (comprimidos ou grânulos). A estes últimos damos nossa preferência. Uma coleção desses medicamentos em tubinhos "amostras-testemunhas" poderá adquirir-se por um preço muito reduzido.

c) Em fim, o tratamento pela homeopatia, além de ter a mesma eficácia do da alopatia, em certos casos, e até mais ativo e resulta menos oneroso.

Além dessas vantagens, é preciso observar que muitos dos praticantes do pêndulo — doutores em medicina em geral, visto que sem diploma não se pode exercer a arte da medicina e que o curandeiro que receitasse somente "acqua fontes" seria processado por exercício ilegal da medicina — valem-se da homeopatia por acharem a dosagem dos medicamentos

mais perfeito podendo, conforme as diluições, aumentar a atividade do medicamento empregado, com uma precisão que se poderia dizer matemática; e ainda mais, considerando a base científica dêsse método, preconizá-la como mais lógica e mais conforme às exigências da natureza.

Contudo, não se deve, por isso, desdenhar a alopatia, cujos medicamentos empregados em forma massiça, são também em muitas circunstâncias, de grande proveito pelo seu pronto efeito.

A lei de similitude, base da Homeopatia, tem tido uma aplicação muito remota: atribui-se a Hippocrates, o maior médico da antiguidade e é exposta nestes termos no Capítulo: "Dos Logares no Homem" — "A doença é produzida pelos semelhantes que se ingerem; o doente torna a voltar da moléstia à saúde... a febre é cortada e suprimida pelo remédio que a produz, e produzida pelo que a cura."

HIPPOCRATES — Obras completas, traduzidas por Littré. ⁽¹⁾

Perto de 2000 anos mais tarde, PARACELSO proclamava, após Hippocrates, que "os nomes das doenças não servem para indicação dos remédios. É o semelhante que deve ser comparado com o seu semelhante... e essa comparação serve para descobrir os arcanos para curar". ⁽²⁾

Diremos pois que, graças à Radiestesia, descobre-se o semelhante que produz a doença, e, ao mesmo tempo, o semelhante que a cura, isto é, para curar uma moléstia, é preciso descobrir o semelhante que a produziu e aplicar para sua cura, outro semelhante que entre em ressonância com o da doença, ou melhor, é preciso descobrir um semelhante cuja sintoni-

⁽¹⁾ Hippocrates, nasceu na Ilha de COS (460 A. C.).

⁽²⁾ Paracelso, alquimista e médico suíço (1493-1541), nasceu a Einsiedeln (Schwyz).

zação concorde, ou entre em acôrdo com o semelhante da doença.

E' nesta busca, que com o maior êxito, intervem a Radistesia que permite sem hesitação possível, chegar ao resultado desejado, e ainda sem conhecimento nem estudos especiais. Só um pouco de prática é sufficiente.

Mas, para o fim que temos em vista, e dadas as considerações acima, reconhecendo as vantagens terapêuticas que possuem os dois métodos, damos assim mesmo, nossa preferência à homeopatia.

Três são os motivos que nos levaram e decidiram nessa escolha:

1.º Empregando-se a alopatia num profano, cujo pêndulo indica o emprêgo de um sal arsenical, mercurial ou ainda qualquer outro muito venenoso, apresentar-se-á a dificuldade de fixar a dose a receitar, o mesmo podendo acontecer com qualquer outro remédio. ⁽¹⁾

Ademais, não se podem ter como "amostras" as inúmeras especialidades das quais hoje lança mão a maior parte dos médicos.

2.º Para um profano, a homeopatia é ainda e justamente o método terapêutico que, em suas mãos, oferece menos perigo e resulta ao mesmo tempo, mais barato. Com a sua "amostra-testemunha" qualquer pessoa terá a certeza, de encontrar o remédio, sem medo de equivocar-se. Poderá pois, procurá-lo sem consultar médico, e sem receita do mesmo.

3.º Poderá ainda o profano, — isto é, seja quem for o operador — mudar à vontade o medicamento,

(1) Se é certo que a dosagem do remédio alopatico pode ser realizada por meio do pêndulo, ela não deixa de constituir uma operação suplemtar que vem complicar a dificuldade de se possuírem esses medicamentos em número suficiente. Portanto, só um diplomado poderá valer-se com proveito da Alopatia.

conforme o desenvolvimento ou a marcha da doença, sempre que fôr preciso, tendo simplesmente à mão o seu pêndulo, que lhe fornecerá, cada hora ou cada dia, segundo a evolução da moléstia, indicações precisas e seguras, quanto ao remédio a aplicar, quer seja um novo, quer seja o mesmo ou outro de diluição mais alta ou mais baixa.

Acabamos de dar, nas resumidas noções que precedem, as mais apreciáveis vantagens realizáveis, procedentes da radiestesia, com o emprêgo do pêndulo.

A sua utilização como detetor e pesquisador dos remédios para a cura de tôdas as enfermidades, cujos medicamentos existem em homeopatia, salienta-se pela sua simplicidade.

Valer-se-á ademais e concorrentemente, para a aplicação desses remédios, das prescrições e regras que, pelo seu uso, indicam, em todos os casos, o método terapêutico, segundo e conforme as diversas diluições dos medicamentos, e a marcha ou evolução das enfermidades.

Para um mesmo remédio, o pêndulo indicará a diluição mais acertada, bem como o intervalo das doses a receitar, recorrendo-se nesses casos ao "acôrdo mental".

O leitor, com esta introdução como preâmbulo acha-se habilitado e preparado agora, teoricamente, para tentar pôr em prática, para si, e para seus parentes ou amigos, um ramo da ciência radiestésica, tornando-se, o chefe de família, o médico do seu próprio lar.

Esperamos que os leitores desas primeiras páginas, muito em pró do seu próprio interesse, outros levados por simples curiosidade, sejam compelidos a lançar mão do pêndulo.

Nas lições que se seguem, o leitor achará tudo o que fôr necessário para habilitar-se e adquirir a

prática que em tôdas as artes se torna indispensável.

Notar-se-á que se temos apresentado o pêndulo como detector, especialmente por nós escolhido, para as pesquisas e seleção de remédios, é pelos motivos indicados à páginas IV desta Introdução.

Não obstante, o pêndulo não pode criar sombra à varinha cujos méritos, além de sua própria valia, são indiscutíveis, e que pode — mesmo para os serviços que aqui conseguimos com o pêndulo — dar os mesmos resultados. São muitos os radiestesistas que a usam para os mesmos fins, obtendo resultados igualmente acertados.

Mas, como já dissemos, o manejo do pêndulo é, a nosso ver, mais simples para principiantes e sobretudo por apresentar como detector-amplificador, movimentos variados de mais fácil interpretação, além de demonstrar em certos casos, maior sensibilidade às ondas captadas, em relação ao gráu de receptividade do operador.

Não se deverá nunca esquecer que fóra de sua casa, do seu lar, tôda pessoa estranha que fôr tratada, com prescrição de medicamentos, constitui exercício ilegal da medicina, e quem não tiver o diploma de doutor em medicina, corre o risco de ser processado como vulgar curandeiro.

Empregámos acima a palavra "profano" applicando-a conforme o seu sentido, a tôda e qualquer pessoa, por instruída e preparada que seja, e em geral, a tôdas as que não possuem o diploma de doutor.

Resta expôr agora, em algumas lições, a descrição do pêndulo o seu manejo, e explicar como devem ser interpretadas as suas reações e tudo quanto se refere à sua utilização como detector e pesquisador, como advertência dos erros possíveis, assim como o modo de evitá-los.

O Pêndulo

Só o nome do instrumento bastaria para indicar o que elle é: uma pequena massa metálica qualquer, latão ou bronze, zinco, aço, chumbo, estanho etc., de pêsso relativamente leve — conforme as experiências às quaes deve ser destinada — variando de 15 a 60 gramas no máximo.

Pode ser constituido também por uma bola de marfim, de qualquer madeira ou de ebonite, (Pêndulo neutro) ou, em fim, de tôda e qualquer substância.⁽¹⁾

Essa massa é suspensa por um fio, linho, cânhamo ou seda, de preferênciã não torcido, ou ainda por uma cadeiasinha de qualquer metal, cujo comprimento poderá ser de 20 a 25 centímetros.

Conforme o praticante e também segundo as experiências a se efetuarem, o máximo do comprimento do fio de suspensão na occasião das experiências, deve regular de 8, 10 a 15 centímetros. Mas êsse comprimento é muito variável segundo o operador.

As manifestações pendulárias dependem, pois, da pessoa que vai proceder às experiências.

⁽¹⁾ O relógio suspenso pela sua corrente, ouro ou prata ou outro metal serve perfeitamente. Diz-se, que o abade Mermet, muitas vêzes, na falta de outro na occasião, servia-se do seu relógio.

Alguns experimentadores, dentre os principiantes, possuem uma grande sensibilidade; outros são completamente insensíveis. A porcentagem destes últimos é pequena. Os que, a princípio, parecem refratários à passagem, através do seu corpo das radiações fluídicas da matéria, não devem por isso desanimar: com perseverança e tenacidade em querer ver o pêndulo oscilar ou girar em suas mãos, exercitando-se a miúdo, chegarão a desenvolver em si a sensibilidade suficiente para pôr seu corpo em condição de receptibilidade, isto é, educá-lo para que não mais ofereça resistência à passagem das radiações que emitem todos os corpos, tôdas as matérias visíveis soterradas, ou escondidas em qualquer lugar.

As radiações emitidas pelos corpos e pelas matérias, lançadas no espaço onde vão se espalhando ⁽¹⁾ são captadas pelo operador cujo corpo pode-se comparar a um aparelho radiotelefônico, quando bem regulado, e em "acôrdo" com o comprimento das ondas que está destinado a captar. Então, nessas condições, penetram-no e seguem o braço que tem suspenso o pêndulo. O papel deste, representa apenas c de um amplificador.

E' como o "alto falante" da telefonia sem fio; e logo que a corrente das ondas o penetra, entra então em movimento, acusando assim a passagem das radiações. O singelo instrumento, com o fim de traduzir e tornar visível a ação das ondas que o animam, estremece à sua maneira, e torna aparente essa sua sensação, muito amplificada por umas oscilações ou por girações caracterizando assim o seu papel de detector.

⁽¹⁾ Essas radiações não se ligam intimamente entre si, porque de sua mistura resultaria uma anulação ou neutralização dos princípios que caracterizam a sua origem, fato que as tornaria desconhecíveis, mesmo que fosse possível a sua captação.

Aqui, se não podemos fazer um curso de Radiestesia, é indispensável indicar pelo menos, a significação desses movimentos, e como devem ser interpretadas essas manifestações do pêndulo.

Para não alongar as explicações, não entraremos a expôr, senão o que concerne e se relacione exclusivamente com o fim visado, conforme o título deste livrinho.

Portanto, bastar-nos-á indicar o que são as gições que devem sobretudo orientar-nos.

Quanto às oscilações, daremos mais adiante o que a elas se deve atribuir.

Uma pessoa de sensibilidade média, tendo seu pêndulo suspenso acima de qualquer coisa ou objeto, notará que quase sempre os primeiros movimentos do pequeno instrumento, são oscilações cujo número é relativamente pequeno, na maioria dos casos; e que logo transformam-se em gições. Às vêzes, parece manifestar algumas hesitações, mas, quase imediatamente, o instrumento define seus movimentos giratórios quer à direita (no sentido dos ponteiros de um relógio), gições que chamaremos positivas, quer à esquerda, isto é, em sentido contrário, que denominaremos gições negativas.

Tem-se observado nas milhares de experiências efetuadas por outros tantos milhares de radiestesistas competentes no mundo inteiro, que nos diagnósticos médicos, e nos ensaios de medicamentos, as gições positivas se manifestam sempre em presença de corpos sãos, e que, se por acaso um órgão (fígado, rins, pulmões, coração etc.) cuja função esteja alterada por uma causa mórbida qualquer, o pêndulo, diante desse órgão, gira negativamente.

O mesmo movimento giratório produz-se também negativamente se, ao mesmo tempo, um remédio apresentado a ensaio, é contrário ou não seja adequado.

A imobilidade do pêndulo indica que o medicamento é neutro e torna-se, para o caso, sem valor curativo.

Eis aí, os dois principais movimentos pendulários que é preciso conhecer. São eles que devem, sobretudo, chamar a atenção do operador. Confirmam ou infirmam, num diagnóstico, se existe ou não uma causa mórbida; aprovam ou eliminam os remédios apresentados aos ensaios. ⁽¹⁾

Numa palavra, êsses dois movimentos são os que dizem: — **Sim** ou **Não**.

Entretanto, muitas vêzes, na sua interpretação, existem diversos matizes tendo cada um sua significação própria, de que falaremos mais adiante.

Para deixar ao pêndulo a sua maior atividade, quanto à ampliação dos movimentos que manifesta, procedentes das emanações radiantes percebidas pelo receptor humano, que é o operador. "**mentalmente acordado**", para captar exclusivamente ondas determinadas, é preciso antes de tudo — suspender o pêndulo com um comprimento de fio adequado ao grau de sensibilidade do operador. O pêndulo será experimentado previamente, colocando-o por cima da mão esquerda ou bem da palma da mesma mão, alongando ou encurtando o fio até conseguir movimentos bem acentuados, nítidos, isto é, bem definidos, assás rápidos, não hesitantes ou duvidosos. ⁽²⁾

No dorso da mão esquerda, após curtas hesitações algumas vêzes, ou algumas oscilações o pêndulo movimenta-se girando negativamente, e oscila

⁽¹⁾ Às vêzes as gições são elipsoidais e marcam o termo médio entre as circulares e as oscilações. Podem ter duas tendências: ou se transformam francamente em oscilações ou em gições circulares.

⁽²⁾ Para passar das oscilações às gições, o pêndulo descreve uma, duas ou mais elipses que entram na contagem quando se procede a esta.

quando apresentado acima da palma da mesma mão. Se se experimentar o pêndulo acima duma mão feminina — mão esquerda — notar-se-ão movimentos contrários aos produzidos na mão masculina: ⁽¹⁾ no dorso, oscilações; na palma, gições. Isso para pessoas de polaridade normal. O mesmo se dará se é uma operadora que experimenta o pêndulo acima de sua própria mão.

O operador tendo regulado, segundo a sua sensibilidade, o comprimento do fio de seu instrumento, observará que é preciso conservar êsse mesmo comprimento de fio, na generalidade das experiências às quais terá de proceder. Não obstante, convém notar-se que esse comprimento do fio que já foi fixado, não é imutável.

Há circunstâncias em que se deve fazê-lo variar.

E' sobretudo a prática que guiará a êste respeito o praticante.

Tendo-se regulado e fixado esse comprimento, pega-se o fio à distância em que acaba de determinar experimentalmente, distância que põe o pêndulo em posição de maior atividade; e mantendo-o suspenso, agarrado com o polegar e o index ⁽²⁾ da mão direita, ⁽³⁾ — o dorso virado para cima, com o excedente do fio bem retido no vão da mão, evita-se que essa parte venha a tocar o fio da suspensão.

Para uma experiência séria, é de tôda necessidade afastar de si tôda joia de metal, moeda ou qualquer outro objeto que, por acaso, tenha nos bolsos, nos dedos, ou em outra parte do corpo.

⁽¹⁾ Para a mão direita masculina as reações são contrárias às da esquerda. O mesmo se dá quanto à mão feminina.

⁽²⁾ Pode-se empregar também o dedo maior com o mesmo resultado e até mesmo o anular. Ver-se o caso adiante.

⁽³⁾ Salvo se o operador for canhoto.

Na posição acima indicada, se o operador tem suficiente sensibilidade, o pêndulo suspenso acima de um medicamento qualquer ou na sua proximidade, notar-se-á que as gições do instrumento, salvo algumas raras exceções, são quase sempre positivas.

Com o doente presente, ou com objetos de uso íntimo, ou ainda com escarros, sangue ou urina do mesmo, os movimentos do pêndulo, pelas suas gições negativas, indicam um estado mórbido.

Nas pesquisas de medicamentos — êstes ensaiados separadamente, — o pêndulo gira quase sempre positivamente. Continuará suas mesmas gições, se acertada foi a escolha, e também, se posto em contato com o doente ou com um ou outro dos seus objetos íntimos, bem como com escarros, cabelos, sangue ou urina; o mesmo se dará se é o operador que o guarda na mão (esquerda ou direita).

Se o remédio não é adequado, as gições do pêndulo tornam-se então negativas, ou transformam-se em oscilações.

Ainda há caso em que o pêndulo mantém-se numa completa imobilidade de onde se deduzirá que o remédio é neutro, sem eficácia, mandando pôr a mão da pessoa doente numa mesa, a palma virada para baixo. Os remédios a ensaiar colocam-se, um após outro, a uns 8 ou 10 centímetros da extremidade dos dedos. Nêsse espaço, suspende-se o pêndulo que, pelas negativas, rejeitará o remédio.

Nessa experiência, o operador deve precaver-se contra si mesmo, caso tenha alguma doença, porque, ao ensaiar os diversos medicamentos, pode encontrar-se um que dê gições positivas, indicando incidentalmente que é adequado à cura da própria doença de que padece, sem nenhuma referência à enfermidade para a qual se está pesquisando um remédio

para terceiro. Fácil será evitar essa falta que, para o operador originar-lhe-ia uma fonte de erros.

Há pessoas cuja sensibilidade é tão acentuada que sem o auxílio do pêndulo como detetor e amplificador das radiações, percebem só com as mãos a alteração dos órgãos que provocam o estado mórbido do paciente. Essas pessoas são raríssimas, embora existam algumas.

Isso vem explicar que devido à posse desse máximo de sensibilidade há pessoas que são mais ou menos aptas e propensas a promover os movimentos do pêndulo.

O grau de sensibilidade nas pessoas, é representado por uma gama mui extensa. Mais da metade das pessoas possuem-na de princípio, classificando-se numa boa média, como se observou na maior parte dos homens que se iniciaram nessa ciência.

Tem-se visto pessoas em cujas mãos o pêndulo se imobiliza ⁽¹⁾ de tal modo que parece teimar em não se mover, apesar do maior desejo que teriam de vê-lo manifestar-se com alguns movimentos.

(1) A imobilidade do pêndulo pode atribuir-se às vezes, à polaridade anormal das pessoas; polaridade que entre os dedos da mão que suspende o pêndulo, pode também ser anormal e contrária. A polaridade das pessoas verifica-se, como já foi explicado, suspendendo o pêndulo acima das mãos. Para o homem de polaridade normal tem-se dito também que no dorso da mão direita o pêndulo oscilava, e girava na palma da mesma mão. Não se esquecer que é o contrário que se dá com a mão esquerda. Na mulher de polaridade normal é tudo o inverso. As manifestações do pêndulo, diante da mão esquerda masculina são as mesmas que diante da mão direita feminina. E inversamente, as da mão esquerda feminina correspondem às da mão direita do homem. Na mão direita do homem de polaridade normal a palma do polegar dá giros positivos e a do indicador oscilações, pois essa polaridade acha-se alterada quando esses dois dedos dão as mesmas manifestações. Convém então substituir o indicador pelo maior ou até pelo anular.

Nestes casos, pode-se dizer, — se houver “sugestão” para pôr em atividade o instrumento, — que ela ficou sem efeito, ou só age e impera negativamente!

Poderíamos concluir, para melhor explicar o caso, que essas pessoas não têm sensibilidade; que são refratárias à recepção das ondas e que estas não as podem penetrar.

Será essa a verdade?

Não se pode, a esse fato, dar uma explicação plausível, e sim hipotética.

O certo é que, dentre os que quizerem iniciar-se à manipulação do pêndulo sem ter de princípio predisposições inatas, muitos, com constante perseverança em querer, com força de vontade no seus exercícios, se tornarão sensíveis às radiações, e que após essas práticas, acabarão adquirindo todas as qualidades dos bons pendulizadores.

Como esses casos têm-se frequentemente apresentado entre as numerosas pessoas que querem se dedicar à radiestesia, recomendou-se mandar entregar as mãos por uma pessoa bem dotada. A recomendação prevaleceu pelo bons resultados que dela se conseguiram. ⁽¹⁾

Portanto pode-se dizer, em geral, que toda pessoa é apta, ou pode habilitar-se à manipulação dos instrumentos radiestésicos, quer da varinha, quer do pêndulo, e que, se não o é naturalmente, e de princípio, com exercícios práticos, pode vir a sê-lo.

(1) Um caso curioso que se verifica é quando uma pessoa, nas mãos da qual o pêndulo se imobiliza teimosamente, o vê movimentar-se logo que outra pessoa dotada vem pousar sua mão no ombro da pessoa insensível. Não se deve, porém, tomar essa particularidade como regra geral. Mais adiante, tratar-se-á da imobilidade do pêndulo, mesmo nas mãos de pessoas excelentemente dotadas e até de afamados radiestesistas; mas, às vezes, o caso é devido a causas parasitárias de diversas origens.

Nas instruções a seguir não falaremos da varinha por não ser tão prática como o pêndulo para o fim dos estudos que adiante seguem.

O que dissemos acima quanto ao modo de regular o pêndulo de acôrdo com a sensibilidade do operador e com relação o pêso de sua massa, o fio de suspensão deve ser encurtado ou alongado. É uma operação que deve ser executada pelo próprio operador suspendendo o pêndulo sôbre o dorso de sua mão esquerda. O que fazemos observar a respeito dos movimentos que dá o instrumento do dorso da mão esquerda masculina, e os que se dão — em sentido oposto — no dorso da mão esquerda feminina, definem a polaridade das pessoas.

No caso supra citado como exemplo, os movimentos do pêndulo indicam duas pessoas de polaridade normal, tanto homem como mulher.

Existem, porém, exceções que se manifestam nos dois sexos, em que, para cada um deles, os movimentos do pêndulo se manifestam respectivamente invertidos; as pessoas afetadas dessa anormalidade, são chamadas também invertidas ou anormais. Nelas, o pêndulo experimentado sôbre as suas mãos, dão em cada mão giros opostos às que se obtêm nas das pessoas normais. E, em geral, tôdas as giros positivas achadas por estas últimas, tornam-se negativas para as anormais. Todo operador radiestesista deve ser prevenido dessa peculiaridade, quando nas suas mãos o pêndulo dá movimentos giratórios em sentido oposto aos mencionados nos manuais.

As pessoas de polaridade anormal são bastante numerosas, embora, constituam uma exceção.

Para a explicação dessa singularidade, ver-se-á o Manual do mesmo Autor onde estão expostas as teorias de diversos autores que a explicam, atribuindo-a a causas diversas.

CAPÍTULO II

Interpretação das Manifestações do Pêndulo

No capítulo precedente, explicámos em que consistia o pêndulo, o seu modo de pegá-lo quanto à posição da mão que o sustém. Sabe-se também que as suas manifestações apresentam-se com duas espécies de movimentos: **oscilações e gições**.

Suspenso por cima ou à proximidade de uma matéria qualquer, se não existem perturbações parasitárias, o pêndulo movimentar-se-á, dando indicações certas, atendendo às disposições sintónicas próprias do operador. Este notará oscilações ou gições. Mas, se tiver o cuidado de contar uma e outras cientificar-se-á que para um mesmo corpo ou uma mesma matéria, as oscilações comportam **sempre um mesmo número**, igual ao das gições tornando a repetir-se **sempre**, até que gições contrárias ou a imobilidade venham a indicar o fim das séries.

Esse número é o que se chama "**CIFRA de SÉRIE**", e permite reconhecer, mesmo sem vê-lo, o corpo ou a matéria que assim foi estudada. ⁽¹⁾

Esse número ou "**cifra de série**", não é **sempre** o mesmo. Varia conforme o radiestesista que opera.

(1) Quando diversos corpos possuem a mesma "**cifra de série**", o que se verifica para alguns deles, é o raio Fundamental que serve para diferenciá-los, intervindo também o sentido das gições.

Não obstante, muitos cientistas conseguiram obter de certos corpos ou matérias, números idênticos que, para cada um dêles, serão sempre os mesmos.

Essas experiências muito concludentes e convincentes, aplicadas às doenças como aos medicamentos, deram os mesmos resultados. Portanto, cada enfermidade, cada remédio, possui sua "cifra de série", ou número próprio a cada radiestesista.

De um a outro, pode diferenciar-se, mas não sempre; somente, apresentando-se conforme a sensibilidade receptiva do operador em cada caso.

A dificuldade para levar a efeito essas experiências reside toda na contagem, para a qual é necessária uma grande e longa prática e à qual, de princípio, deve esforçar-se por adquirir exercitando-se, todo principiante.

E' certo que tratando unicamente de saber se um medicamento serve ou não para um doente ou para tal ou qual enfermidade, o que vem a ser o mesmo, visto que tal é o fim dêste estudo, não se terá a necessidade de contagens para obter o resultado buscado e no qual se pode ter toda confiança.

As gições, quer positivas, quer negativas do instrumento, são suficientes para confirmar se o remédio selecionado pelo pêndulo é bom ou não.

As gições positivas são as que afirmam as propriedades curativas do medicamento ensaiado e dessa forma pesquisado. As negativas confirmam a sua nocividade, ou a sua inoportunidade na cura.

Quando, na experiência, o pêndulo não dá senão oscilações, pode-se deduzir que o remédio que provoca tais reações, é apenas ineficaz ou inútil.

Às vezes, o pêndulo parece movimentar-se com hesitação, oscila, gira, torna a oscilar para girar em seguida; às vezes, pára e logo movimenta-se de novo, até que as ondas ou as radiações que o impres-

sionavam venham a caracterizar-se ou a definir-se nitidamente, impulsionando-o com certo vigor numa manifestação categórica, decisiva, isenta de dúvidas ou de hesitações; seus movimentos tornando-se resolutamente firmes, mais ou menos rápidos, no sentido em que definitivamente foi orientado.

Se o pêndulo, ao movimentar-se, manifesta uma orientação hesitante ou mal determinada, convém aguardar uns segundos mais, até demonstrar serem decisivos os seus movimentos, antes de concluir logo, sobre as primeiras e indecisas manifestações do instrumento e tomá-las como exatas.

Nas pesquisas de remédios, quando o pêndulo não parte logo com poucas oscilações prévias para depois girar, quer positivamente, quer negativamente, com certo vigor, ou que apresenta as peculiaridades que descrevemos acima, é uma indicação de que o remédio experimentado, é indiferente e seu emprego, nem bem, nem mal traria mas, que às vezes, na evolução da doença pode, em dado momento, tornar-se valioso. Nos dias seguintes, convém ensaiá-lo de novo. A seleção com o pêndulo, não deverá nunca deixar margem a dúvidas no espírito do operador. As gições devem manifestar-se francamente, e repisando ainda o caso, repetimos: "as positivas afirmam que a seleção é boa; as negativas que ela é ruim e não serve em tal circunstância".

Quando o pêndulo teima em não mover-se é uma prova de neutralidade do remédio — como já foi dito à pág. 34, Capítulo I - Convém, pois, não empregá-lo mas ensaiá-lo nos dias seguintes, se houver necessidade. Em todos os casos, a cura das doenças, se dará sempre com os remédios "SELECIONADOS COM GIRAÇÕES POSITIVAS".

Quanto à imobilidade do pêndulo de que falamos acima, ela pode ser ocasionada por uma perturbação

passageira, momentânea, telúrica ou eletro-magnética, difusa na atmosfera ou no chão. É o que se chama em telefonia ou telegrafia sem fio o "FADING"; mas essa perturbação é geralmente de curta duração, e se dá mais particularmente nas operações ao ar livre e nos campos. Ainda, por causas ignoradas, pode-se dar numa casa, num laboratório e por mais raro que seja, não deixa de apresentar às vezes.

É preciso, quando ela se manifesta, esperar alguns minutos ou mesmo horas, antes de prosseguir na experiência.

Eis aí, as principais interpretações que se devem dar às manifestações do pêndulo.

Uma observação das mais importantes a fazer, é que todo operador e em todos os casos em que procede à experiência, deve evitar que sejam presenciadas por terceiros, desinteressados na questão.

Isto, para impedir o desvio das ondas ou radiações e sobretudo, para evitar que se originem emanções nocivas, provenientes das pessoas presentes que possam prejudicar, com sua influência a receptividade do operador modificando, assim, os movimentos do amplificador, isto, é, do pêndulo.

Mesmo em casa, o tempo carregado de eletricidade, é também um inconveniente que influencia muito o pêndulo e pode provocar o "fading".

Outrossim, o operador, durante as experiências, não deve ter o seu pensamento distraído por coisa alguma, pensando em coisas estranhas à experiência a que está procedendo. Deve estar completa e mentalmente absorvido no trabalho que está fazendo e sobretudo deve impedir e desviar de si toda sugestão, que é o escolho mais importante em que tropeçam quase todos os principiantes. Mas esta dificuldade, que no começo se verificará a miúdo, com força de vontade, pode logo vencer-se.

Em geral, em tôdas as pesquisas e prospeções, quer em minérios, metais ou qualquer jazida que seja (líquida ou sólida), quer no terreno mesmo, quer em mapas, plantas (teleradiestesia) diagnósticos médicos, ou estudos de quaisquer corpos ou matérias (alimentos, remédios, venenos, álcool, petróleo, vinho, licores, leite, tisanas, chá etc. etc.), enfim em tôda e qualquer experiência pesquisadora, é sempre recomendado, trabalhando com o pêndulo, estender o braço esquerdo, com a mão e o dedo indicador dirigidos no ponto de onde se espera virem as radiações.

Assim mesmo, tendo perto de si o corpo que se quer estudar, como no caso dos remédios, sempre deve estar o braço esquerdo em "antena", o indicador apontando para o medicamento ou a matéria médica da qual pesquisa-se a propriedade curativa para determinar afecção mórbida.

Recomenda-se a todos os principiantes não confiarem nos primeiros resultados colhidos por intermédio do pêndulo, senão depois de vê-los seriamente confirmados. Antes de afirmar que tal resultado se verificou, é prudente tornar a repetir a experiência com uma hora ou mais de intervalo, e esperar mesmo, até o dia seguinte, para renová-la, isso, nos casos muitos sérios.

Comprovar-se-á dessa maneira a exatidão do resultado da experiência com a concordância do resultado obtido na primeira vez.

Essa prudência não é demais, e deverá observar-se até que o principiante tenha adquirido bastante prática e fé em si mesmo, sem contudo ficar convencido que chegou ao gráu de "mestre" no manejo do pêndulo e na interpretação dos seus movimentos.

O braço esquerdo com a mão aberta ou com um dedo ou dois dirigidos do lado por onde devem manifestar-se as radiações, ou bem tendo na mão, com o

braço estendido, um lápis ou outro objeto de ponta, constitue uma "antena" que apresenta a maior eficiência. O operador aponta o seu indicador para a parte dolorida indicada pelo próprio enfermo, como sendo o lugar dos seus padecimentos. O dedo ou objeto de ponta, que se tem na mão pode tocar a parte assinalada pelo paciente ⁽¹⁾, quer na própria pele, quer por cima da roupa ou também ficar a poucos centímetros do ponto indicado.

Quanto ao pêndulo, suspender-se-á à distância de 15 a 20 centímetros ao lado. Não é preciso que se aproxime mais do corpo do doente. Nesse exame localizado, que não tem nada que se possa assemelhar o um diagnóstico, o operador constatará, se os movimentos pendulários (girações) forem positivos, que no ponto examinado, não há nada de anormal, pois, as dores podem provir de algum reflexo. Se, ao contrário, as girações são negativas, existe um órgão mais ou menos profundamente alterado cujas funções são deficientes.

Conservando o dedo indicador na sua posição, bem assim como o pêndulo suspenso no seu mesmo lugar, proceder-se-á à seleção do remédio próprio à cura do paciente. Para isso, um após outro, como foi dito na Introdução dêste livrinho, por-se-ão na mão do doente, os remédios (amostras-testemunhas em tubinhos, de preferência); ou qualquer outro medicamento até que as girações negativas se tornem positivas.

Também, como foi dito, o operador pode, êle mesmo, pegar nos remédios com qualquer uma das mãos, tendo o cuidado de não pô-los em contato com a sobra do fio, mesmo que estejam num vidro.

⁽¹⁾ Quando o enfermo indica o ponto dolorido ao operador, êste, tendo alguma prática, não precisará experimentar senão um número restrito de remédios, dos que só correspondem à cura do órgão que o pêndulo denuncia afetado.

Contudo, é sempre preferível que o paciente segure o remédio na sua própria mão. Assim, se acertada é a escolha do medicamento, o movimento normal do pêndulo ficará restabelecido, isto é, que, de negativas, as gerações tornar-se-ão positivas, como se o órgão doente tivesse voltado a recobrar suas condições normais, dando a aparência de saírem suas novas vibrações ou emanações, de um órgão são.

Chama-se a atenção do leitor, para o que já foi dito anteriormente quanto às demais manifestações do pêndulo, e sua interpretação.

NOTA — Ver pág. 75 no fim do Cap. V — “Das Causas dos Erros”, a “Observação importantíssima”, na qual se expõem os meios para evitar os efeitos da impregnação e de sua remanescência, quando se fazem experiência a fio com diversos remédios e doentes colocando os primeiros sempre no mesmo suporte e as mãos dos segundos na mesma mesa e no mesmo lugar.

(Ver sobre “Impregnação e Remanescência” o “Manual teórico-prático de Radiestesia” do mesmo autor).

CAPÍTULO III

DAS RADIAÇÕES

Algumas noções explicando sua produção e sua captação

Todos os corpos que existem na Natureza, sem exceção, expellem emanações, que são corpusculos imponderáveis dos mesmos; emanações que podem assemelhar-se às do radium e dos demais corpos que possuem propriedades rádio-ativas. Estas, notadamente as do radium, emitem constantemente partículas infinitamente pequeninas sem que sua massa pareça sofrer uma diminuição qualquer, sensível à nossa vista.

Em relação ao radium, essa desagregação ininterrupta, para ser completa, isto é, até o desaparecimento da matéria toda, são precisos 2440 anos! Para nós, isto é, mesmo após um século, uma grama de radium em nada parecerá ter perdido, do seu pêso, nem do seu volume. E até hoje, desde a descoberta desse corpo (1860) as poucas gramas desse metal novo, repartidas nos diferentes países, não terão sofrido, na aparência, nenhuma alteração no seu pêso. A desagregação dos corpos de que temos conhecimento, ininterrupta como é, não chega a ser notada. E essas emanações fluídicas infinitesimais, imponderáveis

como são, destacam-se da matéria de todos os corpos, sejam quais fôrem e são, comparáveis em tudo, às ondas eletro-magnéticas lançadas na atmosfera pelos aparelhos de telegrafia e telefonia sem fio; ondas de que conhecemos a existência sem poder explicar o que elas são na realidade, pois não têm ação sobre os nossos sentidos.

Passam para nós despercebidas; ignoramo-las. Nosso organismo recebe-as, fica transpassado, porém não as sentimos e não nos deixam nenhuma impressão, embora não possamos negar sua existência.

O mesmo se dá com as demais ondas radiantes que emanam dos corpos e que enchem a atmosfera difundindo-se nas alturas etéreas.

O corpo humano, apesar de sua boa receptividade não possui dispositivo especial, ou órgão adequado que venha completá-lo e ajudá-lo a captar essas ondas eletro-magnéticas que erram e desaparecem no éter, acima de nossa atmosfera e, perdidas sem proveito nenhum ficariam, se não se tivesse descoberto o aparelho receptor da telefonia sem fio.

Como as ondas eletro-magnéticas, as ondas radiantes que se desprendem de todas as matérias, tendo estas, grande similitude com as primeiras, podem também captar-se.

Quando, armado da varinha ou do pêndulo, o radiestesista assemelha-se então, a um posto receptor de telefonia sem fio. O braço estendido faz as vezes de "antena", o seu corpo de aparelho receptor e a varinha ou o pêndulo, de amplificador ou detetor que transmite de modo visível, pelos estremecimentos da varinha ou pelos movimentos espontâneos (oscilações ou rotações) as emanações ou ondas radiantes então captadas, que em todos sentidos, a matéria desagregando-se, vai expelindo seus corpúsculos imponderáveis.

Assim composto, o receptor humano, mesmo com seu amplificador, seria incompleto e não poderia funcionar, porque das inúmeras ondas captadas ao mesmo tempo não poderia discernir nenhuma dentre elas, e essa captação se tornaria desprovida de interesse, tal como se daria em telegrafia ou telefonia sem fio com os diversos comprimentos das ondas que hoje se utilizam, se não fosse possível selecionar dentre elas, as que especialmente se deseja captar, conforme seu comprimento.

Essa seleção, nos dois casos, faz-se por meio de "acordos". O aparelho de telefonia deve ser regulado, isto é, deve ser posto de acôrdo com o comprimento da onda que se deseja captar. O radiestesista deve igualmente "acordar-se", pondo, em primeiro lugar, seu sistema mental e nervoso em atividade e em seguida orientar essa atividade em direção de tal ou qual fonte radiante, com seu braço estendido em "antena" buscando uma onda para deter um fluido telúrico, eletro-magnético ou outro qualquer.

O papel da "amostra-testemunha" é o de uma espécie de condensador que permite ao radiestesista não se sentir afetado senão pelas ondas idênticas às do corpo que lhe serve de testemunha.

O radiestesista preenchendo essas condições de receptividade, tem em estado de prontidão suas células nervosas e as partes polarizadas de seu corpo, cujo fluido é sensibilizado pelo "acordo mental". Portanto, está pronto e preparado para receber e transmitir ao seu aparelho amplificador, — varinha ou pêndulo —, as sensações traduzidas, como o sabemos e produzidas por emanções ou ondas escolhidas e determinadas, de acôrdo com a sintonização de sua vontade e que agem sobre seus reflexos.

Como se vê, o regulador do aparelho receptor humano é o "acordo mental" que se obtém condensan-

do todo o pensamento do operador sôbre o corpo ou a matéria, cujas radiações se deseja captar.

Para dar uma idéia bem definida de que são as emanações ou ondas radiantes da matéria e dos corpos, emanações que se irradiam em tôdas as direções, tomamos como exemplo, os perfumes ou cheiros que se desprendem de certas matérias, plantas e flores.

A sutileza de cheiro, que impregna as pétalas das rosas, é bastante ativa, apesar da sua quantidade apenas apreciável, visto como para conseguir uma grama de essência são precisos até 100 quilos de pétalas. Ainda essa grama recolhida, como sendo o produto mais concentrado, contém em peso, talvez mais 95% de matérias estranhas que levam, condensado nelas, o verdadeiro e real perfume. Mas, considerando a rosa na roseira, logo que a flor desabrocha, ela vai lançando suas emanações, seu perfume no espaço, em derredor.

Cortada ou não, ao cabo de mais ou menos três dias no máximo, a flor agoniza, murcha e morre logo depois. Já ela, na sua curta vida de três dias apenas expeliu tudo quanto possuía de perfume. Os eflúvios que dela se desprendiam enchendo o ar, nesse curto espaço de tempo, evaporaram-se, acabaram-se com a própria vida da flor.

Esses eflúvios são da mesma natureza que os emitidos por todos os demais corpos ou matérias, menos o cheiro peculiar a certas dentre elas; porém, a sua massa, isto é, a quantidade de extrato inseparável das matérias estranhas às quais está unido, e que cada flor possui encerrado e disseminado nas células de suas pétalas, é quase imponderável, pois, acaba em tão pouco tempo, sendo que para extrair apenas alguns miligramas de perfume puro, é preciso tratar uns cem trilhões de miligramas de flores.

Aqui não se tem em vista a própria essência mas sim, o próprio perfume.

Outro exemplo muito significativo que numerosas pessoas puderam constatar, é o seguinte: ponha-se num baú, num cofre, ou numa gaveta um pedaço de cânfora, 100 gramas, por exemplo, bem embrulhado em papel. Ao cabo de 7 a 8 meses ou talvez menos, nada fica no embrulho. A matéria tãda evaporou-se, desagregando-se aos poucos, com a emissão de emanações que são corpusculos infinitésimos. Mas, como se vê, uma grama de radium pode levar quase 24 séculos e $\frac{1}{2}$ para desaparecer completamente; 100 gramas de cânfora levam quando muito uns 8 a 10 meses, embora as radiações do primeiro não sejam menos imponderáveis que as da cânfora.

Entretanto, se as emanações do radium não são percebidas, nem podem ser denunciadas pelo organismo humano, este, é severa e traiçoeiramente castigado ao cabo de pouco tempo. Com efeito, os devotos radiólogos que no princípio ignoravam as perigosas propriedades desse metal novo, que o manipulavam quase diariamente, foram atacados de uma enfermidade muito grave, incurável: a radiodermite da qual muitos deles foram vítimas. ⁽¹⁾

Quanto à cânfora, os corpúsculos fluídicos que dela se desprendem, logo acham um excelente detector, que é o olfato; ademais, são completamente inofensivos.

A comparação que acabamos de fazer demonstra que a matéria se vai desagregando em tempo muito variável, segundo os corpos, sendo certo que

⁽¹⁾ As emanações do radium chamam-se "raios". Estes são em número de três: α , β , γ ; é este último cujo poder é o mais penetrante, que provavelmente provoca a radiodermite, até agora incurável.

os de massa mais pesada exigem tempo maior para desaparecer completamente sem contudo existir uma proporção direta entre o tempo necessário e a massa ou seu peso.

Citámos o radium que necessita de 24 séculos e $\frac{1}{2}$, quando outros corpos, como o Uranium, exige 8 bilhões de anos, e o torium que pede três vêzes mais tempo ainda.

Como exemplo de "acordo mental", tomaremos o caso da prospeção de uma jazida metalífera. Ignoramos qual será o metal ou minério soterrado.

Com o nosso pensamento examinamos em sucessivas suposições e um após outro, qual o metal ou minério, escondido debaixo de uma espessa camada de rochas e de matérias diversas, constituindo camadas geológicas em profundidade desconhecida.

Sabemos por experiências já realizadas, a "cifra de série", da maior parte dos metais e de diversos minérios. Assim, com o pêndulo na mão, pensando sucessivamente em cada um deles, como se os tivéssemos à vista, o instrumento nos indicará qual o metal ou minério escondido no fundo da jazida, logo que o número de suas gições, sendo positivas, (excepcionalmente para alguns, apresentam-se negativas) corresponderá a uma cifra conhecida, a tal metal ou a tal minério.

Essa interpretação do pêndulo comprova-se facilmente por meio da "amostra-testemunha" que nessa nova experiência guarda-se na mão do operador, ou é encerrada num pêndulo "ad hoc". (1).

Existem pêndulos ôcos em que a amostra pode colocar-se, facilitando assim as experiências.

Como ficou exposto acima, o leitor fará logo uma concepção exata do que são as radiações e da ma-

(1) Pêndulos específicos podem ser feitos com um pedaço do metal ou do minério suspenso por um fio.

neira de captá-las. Teoricamente, ter-se-á uma idéia suficientemente clara que se realiza e como chegam ao pêndulo depois de atravessar o corpo do operador, projetando em seguida sua influência no pequeno instrumento, o braço e a mão servindo de ligação.

Em todos os casos, o pensamento do operador, é o "regulador mental" que permite a sintonização, isto é, o "acôrdo" entre as radiações que se deseja captar e o conjunto do aparelho receptor, constituído, como já foi dito, pelo corpo do operador, êste, armado do amplificador ou detector, que é o pêndulo.

Em geral, seja qual fôr a experiência à qual o operador deseja proceder, o "acordo mental" é necessário; mas para um operador que possui muita prática essa disposição mental do seu pensamento, é coisa muito natural e espontânea.

Não se poderia admitir, nem conceber que, tendo seu pêndulo suspenso em cima de uma suposta jazida, o operador tenha o seu pensamento acupado e dirigido ao último banquete a que assistiu, ao baile a que foi convidado, à última palestra que teve com sua amiga, ou ainda a outra coisa longinqua e sem ligação com o trabalho que está executando. Essa questão do pensamento em acôrdo com as radiações é de uma importância capital, e imperiosamente necessária.

Como se vê, produz-se espontânea e instantaneamente.

Estas explicações se estendem para os casos, quer de diagnósticos médicos quer de pesquisas ou seleção de remédios, assim como a tôda classe de prospeção.

Num diagnóstico, ao apresentar o pêndulo à frente de uma parte qualquer do corpo humano — disse-mos que o dedo da mão esquerda, em antena, apontado a poucos centímetros da parte que se deseja

auscultar, é o modo de maior eficiência para conseguir o resultado buscado. Pouco importa que o pêndulo esteja de frente e, perto; pode ficar até afastado alguns 15 a 20 centímetros — sendo o pensamento do operador levado a entrever o órgão que se vai auscultar com o pêndulo, — naquele instante se estabelece então o “acordo” entre o operador e as radiações do órgão, são ou não.

Na pesquisa do remédio próprio para a cura de tal ou qual doença, o mesmo vai acontecer, e estabelecer-se-á uma sintonização perfeita e espontânea entre as radiações do remédio e as do doente (direta ou indiretamente, caso opere com objetos íntimos do mesmo: cabelos, escarros, sangue ou urina) e o pensamento do operador.

Influenciado o pêndulo pelas radiações sintonizadas que lhe são transmitidas pelos reflexos do operador, movimentar-se-á logo. De suas gições ou oscilações, o operador tirará as deduções que se impõem, segundo seu critério formado e instruído pelos seus conhecimentos e sua prática.

Para ter tódá confiança e segurança inteira nas suas deduções, isto é, na interpretação dos movimentos do pêndulo, o operador tem o meio de comprová-las. Para isso, valer-se-á da “amostra-testemunha”. Mais adiante, dar-se-á a demonstração dessa contra-prova. É recomendável fazê-la sempre, a fim de ter a confirmação exata e certa que a interpretação dos movimentos do instrumento não foi errada.

Ainda mais, essa contra-prova realizada com êxito aumenta a confiança que deve ter o operador em si, na prática de suas experiências.

Repetimos aqui, ainda uma vez, que, em tódas as pesquisas ou experiências tendo por fim a busca de um órgão doente, e no caso de uma enfermidade aguda, ou na pesquisa seleção de remédio, a “ativi-

dade" demonstrada pelos movimentos do pêndulo, será tanto maior quanto o caso se apresentar mais pronunciado e mais grave; ou que a escolha do remédio terá sido mais acertada. Nessas duas acepções, o pêndulo parte sempre e logo com giros positivos quanto ao remédio, e com giros negativos em caso de doença de gravidade ou aguda. A sua velocidade indica o grau da maior "atividade" do instrumento.

Essa "super-atividade" manifesta-se na seleção de remédios tôdas as vezes que o pêndulo parte girando sem oscilar antes, ou apenas após uma ou duas oscilações.

O poder curativo de um remédio para uma doença determinada, comprova-se pela atividade do pêndulo, como já foi explicado precedentemente; mas também, pela influência que possui o remédio, quando maior é a distância que o separa do doente, ou de sua mão, ou ainda dos objetos de seu uso íntimo. Para conhecer a eficácia do medicamento, manda-se colocar a mão do doente numa mesa e o remédio a uns 8, 10 ou 12 centímetros da ponta dos dedos, e neste intervalo se suspende o pêndulo. A atividade do instrumento pelas suas giros rápidas (giros positivos) demonstrará a eficácia do remédio. Mas, como já foi assinalado, vários remédios podem selecionar-se, concorrendo em graus diversos, para a cura do doente; neste caso, preconizamos a mistura desses remédios.

Entretanto, desejando conhecer ainda, dessa primeira escolha, o medicamento, ou os medicamentos de maior poder curativo, tem-se empregado também o processo seguinte: "colocar-se-ão os remédios (um após outro), numa mesa e a mão do doente, como já foi dito (ou objetos de seu uso íntimo, sangue ou secreções) e suspendendo o pêndulo no intervalo, observam-se os movimentos do instrumento. Afasta-se,

em seguida, pouco a pouco, a mão ou os objetos, até chegar a uma distância em que o pêndulo deixa de ser influenciado pelas radiações, e fica a ponto de imobilizar-se, tendo atingido o ponto neutro de sua eficácia.

Mede-se então a distância que medeia entre o remédio e a mão ou os objetos. Tendo assim precedido, para cada um dos remédios da primeira escolha, deduzir-se-á que o que, dentre os demais, terá manifestado sua influência a maior distância, êsse será o mais ativo, e, portanto, o mais eficaz.

Do resultado conseguido nessas experiências, tirar-se-á a conclusão que "o poder curativo de um medicamento está em razão direta da distância em que, pelo remédio, o pêndulo, é influenciado em relação à doença em apreço". Isto é, quanto maior a distância, tanto maior a eficácia do remédio. Não se pode fixar limites quanto às distâncias observadas; elas se estendem numa escala que pode ir de 10, 15 centímetros na primeira experiência, até 1 m. 50 cm. ou mais ainda, conforme o poder do remédio em relação à doença.

CAPÍTULO IV

Pesquisa ou seleção de remédios

As aplicações da Radiestesia ao ramo da medicina, acharam um campo de ação muito extenso e variado.

O método que agora expomos e que preconizamos, está ao alcance de qualquer pessoa, mesmo de mediana inteligência. A simplicidade é sua característica principal e como tal, desejariamos vê-lo adotado por todos os chefes de família. E' tal a sua eficácia e segurança que, apenas conhecido, infundirá a mais completa confiança e incitará os mais incrédulos e infensos, a aplicá-lo.

Em matéria médica terapêutica — tratamento das enfermidades — o uso da homeopatia é muito difundido no Brasil; abrange e estende-se no interior, à maior parte dos Estados longínquos, onde há falta de médicos e também de farmacêuticos.

Nesses lugares, os doentes têm de recorrer aos serviços dos curandeiros cuja arte de curar é muito mais que duvidosa e incerta.

A sua terapêutica consiste na aplicação da Fitoterapia, nome científico que todos os curandeiros, talvez sem exceção, ignoram; mas, mesmo assim, pelo conhecimento que têm das plantas e de suas propriedades medicinais alcançam muitas curas; e êsses êxi-

tos, às vèzes, muito fáceis, fortalecem na mente do povo a crença e a fé que nêles se deposita.

Todos os curandeiros, porém, não se valem das virtudes das plantas para o remédio que receitam. Muito deles não hesitam em lançar mão da alopatia, o que não deixa de apresentar algum perigo, e outros valem-se da homéopatia. Estes últimos são os que, sem dúvida nenhuma, conseguem os melhores resultados com os menores riscos.

Os recursos que oferece e proporciona a homeopatia do interior do país e em sitios longínquos são, na maioria das vèzes, os únicos, e pois, oferecem uma importância indiscutível e inegável pelos serviços inapreciáveis que vem prestando.

De fato, nos sertões, as povoações espalhadas em vastíssimas áreas, com comunicações escassas e às vèzes, difficilmente praticáveis, e que são muitas vèzes privadas de recursos substanciais para lutar contra as enfermidades que as assediam, não têm outra salvação senão a de recorrer às propriedades medicinais das plantas, quer por si, quer por intermédio do curandeiro, e delas tiram, ora das flores e folhas, ora das cascas e dos ramos e, finalmente, das raízes, os remédios de que vão precisando para seus males.

A escolha para êles depende da prática que têm e do conhecimento que possuem, ou por experiência própria. Quase sempre, ou na maior parte dos casos, os tratamentos a que estão sujeitos os doentes constituem uma experiência muito demorada, cujo resultado é prolongar indefinidamente a cura definitiva do paciente.

Lá ainda, nessas povoações, o pêndulo fará maravilhas e facilitará a escolha da planta propriamente adequada ao tratamento da doença que se quer combater.

Na Introdução, dá-se o modo de proceder para a escolha dos remédios próprios para a cura de qualquer doença.

Para essas pesquisas a presença do enfermo nem sempre é necessária, embora seja preferível, sempre que não se apresente uma impossibilidade real de o fazer.

Não sendo possível a presença do enfermo, as pesquisas podem realizar-se com resultado, mediante quaisquer objetos de uso íntimo, como sejam uma camisa ou fragmento, uma gravata, um chapéu ou uma meia que tenham estado em contato com o seu corpo durante algum tempo, por mais curto que seja. Também servem para tais investigações os cabelos, os escarros, um pouco de sangue (possivelmente fresco) e a urina do paciente para o fim da pesquisa e seleção do remédio adequado à sua cura.

Advertimos que esses objetos não devem ser tocados por varias mãos, e à falta de sê-lo unicamente pelo doente e embrulhados por êle-mesmo num papel limpo, ou num pano bem limpinho, a pessoa que o substituir deverá fazer o embrulho com o maior cuidado, evitando quanto possível o contato direto de suas mãos com os referidos objetos.

Se de todo fôr impossível ao doente fazer por suas próprias mãos o embrulho de tais elementos de pesquisa, deverá se agir com toda a cautela. ⁽¹⁾

O mesmo se diga em relação aos escarros, sangue e urina. Estas excreções podem ser impregna-

⁽¹⁾ O papel não pode ter escrita à mão, a não ser do próprio doente. A escrita de per si, não tem aqui importância nenhuma; é somente a impregnação do papel pelo punho de quem escreve.

Insistimos em papel branco, por terem as cores, uma influência especial e de todo particular sobre o pêndulo, em correlação à doença.

* das, cada uma de per si, em pedaços de algodão bem limpo e em seguida embrulhadas em outros tantos pedaços de papel que também primem pela limpeza. O melhor acondicionamento seria um frascinho ou tubinho de vidro, lavado a fundo e muito bem enxuto de modo a fazer desaparecer qualquer vestígio do seu conteúdo anterior. Quanto ao sangue, pode ser recolhido num pedacinho de mata-borrão virgem, porém branco, embrulhando-o, a seguir, com todo o cuidado numa folha de papel branco.

Falámos em papel limpo e "branco", possibilidade que nem sempre é fácil de ser realizada no ser-tão. Todavia, essas precauções são imprescindíveis, sobretudo em se considerando a distância a que devem, às vèzes, ser transportadas tais amostras do local em que se acha o paciente.

Lembraremos que o contato de mãos estranhas com as amostras, além das do doente, podem deixar sua impregnação nos objetos tocados e mesmo que esse contato seja de mínima duração, a remanescência dessa impregnação poderá induzir a erros.

Isto posto, o leitor estará perfeitamente ao corrente das precauções que deve tomar e das possibilidades que pode conseguir.

Exporemos agora o processo a seguir para a escolha do remédio que mais convenha para a cura de quaisquer doenças, isto é, selecioná-lo, quer com a presença do paciente, quer com os objetos de seu uso íntimo, quer finalmente com sangue ou quaisquer das excreções a que já nos referimos acima.

Com o doente presente (meio direto, mais simples e mais prático): — Mandar pôr a sua mão numa mesa, a palma virada para baixo; o operador tendo à mão uma coleção de remédios... homeopáticos ou outros, coloca um deles e sucessivamente os demais, um após outro, a uns 8 ou 10 centímetros da extre-

midade dos dedos do paciente; levanta o pêndulo — regulado êste quanto ao comprimento do fio de suspensão como ficou explicado no Capítulo I — entre a mão e o medicamento a experimentar. O instrumento movimenta-se em seguida, ou poucos segundos depois, oscilando a princípio ⁽¹⁾ quase sempre; mas não tardam as oscilações em se transformar em giros. Se estas são positivas, o remédio convém ao tratamento da pessoa, se o pêndulo gira negativamente, é preciso eliminá-lo.

Dá-se o caso do pêndulo permanecer em suas oscilações. Estas apresentando-se transversalmente à mão, deduzir-se-á que tampouco para o caso se presta o medicamento. As oscilações sendo longitudinais não vem a propósito valer-se deles; deve-se, pois, eliminar o remédio; mas, às vêzes, logo transformam-se em giros que permitem uma decisão não duvidosa.

E' conveniente, depois de ter usado um dia o remédio que foi reconhecido bom e o melhor dentre os ensaiados, repetir-se a experiência com os remédios eliminados por serem negativos em princípio, e outros que deram as oscilações longitudinais, isto é, no sentido da mão e dos dedos.

Muitas vêzes, dos remédios ensaiados, dois, três, ou mais deles, têm-se manifestado bons; dentre êstes sobretudo, depois de sua aplicação, é que se deve de novo tornar a experimentar nos dias seguintes, mesmo porque não se tinham mostrado com a devida atividade. A seleção devendo sempre dar a prioridade ao remédio que dá aparência de maior atividade.

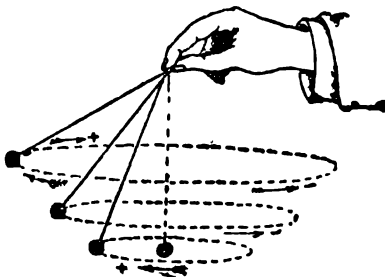
No mesmo dia depois de ter o doente absorvido algumas doses do ou dos remédios seleccionados, é

⁽¹⁾ Quando de princípio gira o pêndulo sem antes oscilar, a sua atividade no caso experimentado, é de maior eficácia se as giros são POSITIVAS ou nocivas, se NEGATIVAS.

muito conveniente verificar se os mesmos conservam ainda sua atividade e poder curativo; porque, às vezes, dá-se que a sua eficácia desaparece, exigindo pois, a sua substituição por outros de maior poder que deverão selecionar-se com o pêndulo.

Até mesmo, seria muito conveniente fazer essa verificação algumas horas depois da absorção de um certo número de doses, ou então, o mais tardar, no dia seguinte.

Essa maior atividade dos pêndulos denunciados bons para a cura, é reconhecível pela rapidez que desenvolve o pêndulo em seus giros, e pela amplitude dos mesmos. Quanto mais devagar gira o pêndulo tanto menor será o círculo descrito. Crescendo a velocidade, cresce proporcionalmente o círculo como se vê na figura abaixo.



Assim, com giros positivos, o operador tendo experimentado um certo número de medicamentos, reconhecerá, pelo vigor que desenvolve o pêndulo em suas giros, que alguns deles, pelas propriedades, poderiam ter sua eficácia na cura. Naturalmente, utilizar-se-á de preferência, o medicamento que demonstrou, pela rapidez e amplitude dos giros do pêndulo, a sua maior eficácia.

Mas, devido à evolução da doença, após a ingestão, no princípio, de um primeiro remédio, repete-se nos dias seguintes a experiência com o mesmo, e em seguida com os demais medicamentos que demonstraram atividade menor. Conforme as indicações do pêndulo, continuar-se-á o tratamento sempre com o que dentre êles demonstrou maior atividade.

Acompanhando com o pêndulo a marcha de uma doença, observar-se-á que remédios selecionados um dia, podem no dia seguinte aparecer como tendo perdido a sua eficácia, ou demonstrar possuí-la em gráu menor. A razão que explica êsse caso, é que a influência do remédio após sua primeira ingestão, faz-se sentir e existe ainda no organismo. Essa influência ou reação pode-se manter mais de um dia conforme o remédio ou a sua diluição.

No caso em que as melhoras tardem a se apresentar, não seria demais experimentar novamente os remédios que foram eliminados devido às oscilações longitudinais que manifestou o pêndulo.

Em relação aos medicamentos preferimos os homeopáticos pela razão que expusemos precedentemente, pela perfeita precisão da sua dosagem e da facilidade que apresentam na sua ingestão. Recomenda-se seguir para sua aplicação as regras determinadas e prescritas para o uso dessa classe de medicamentos. Quanto à dinamização, o pêndulo escolherá, tal como escolheu o mesmo remédio, e até poderá indicar o intervalo das doses.

Pelo que antecede, vê-se a necessidade que há de possuir uma coleção desses remédios, como o recomendamos na Introdução dêste trabalho.

Na ausência do doente, o operador pode experimentar com os objetos e matérias mencionadas mais atrás, e dêle provenientes.

Praticamente, o processo é o mesmo.

Coloca-se o objeto ou a matéria a examinar numa mesa, e a 8 ou até 10 centímetros de distância e uns após outros, os remédios a ensaiar, suspendendo o pêndulo entre os dois. Nessa posição, o instrumento manifestar-se-á nas mesmas condições como se o doente estivesse presente. O operador, como no caso precedente, deduzirá dos movimentos do seu instrumento a interpretação que dêles se impõe; e ficará apto a determinar qual o remédio de maior eficácia que convém aplicar para o tratamento do doente. ⁽¹⁾

Como se vê, quer com o enfermo, quer com objetos ou matérias que lhe pertencem, o modo de proceder é sempre o mesmo.

Não é demais recomendar novamente que no curso das experiências, é conveniente ter o braço esquerdo em "antena" apontando com o dedo indicador o remédio em experimentação.

Em geral, para dizê-lo uma vez para sempre, é conveniente, seja qual for a pesquisa ou "prospecção" a que se deseja proceder, servir-se do braço como antena, dirigido para o lado de onde se esperam as radiações.

Quando se tratar de remédios vegetais quer ao natural, quer em extratos, tinturas, preparados para chás ou em pós, ou ainda constituídos de massas de qualquer forma por que se possam apresentar, sempre para experimentar o seu valor terapêutico em relação a uma doença determinada em benefício de um enfermo, proceder-se-á como acima ficou descrito.

Quanto à eliminação não somente dos doentes, mas dos regimens a seguir para tôdas as pessoas, quer sãs, quer doentes, e nos casos mais gerais, para

⁽¹⁾ Recomenda-se tanto quanto possível a conveniência que há em colocar o remédio, o objeto de uso do doente, na direção do meridiano, isto é, na linha Norte-Sul.

saber, se tal ou qual alimento convém para o organismo da pessoa que o deve ingerir, pode-se, pelo mesmo processo, reconhecer se é proveitoso ou não, avaliar a sua qualidade em relação ao estado de saúde das pessoas às quais são destinados os ditos alimentos.

Evitar-se-á assim também a absorção de alimentos deteriorados ou venenosos por sua fermentação já adiantada ou por outras causas desconhecidas.

Nesses casos duvidosos, basta que a pessoa a quem está destinada e que deve ingerir tal comida, aproxime uma de suas mãos de um prato da mesma e o pêndulo suspenso entre a mão e o prato, determinará e indicará se o alimento convém ou não à pessoa submetida à experiência. Relembramos que os giros positivos indicam a conveniência, a boa escolha, e os negativos, ao contrário, acusam a nocividade.

Deve-se notar que as indicações dadas pelo pêndulo, são apenas relativas e se referem tão somente, a maior parte das vezes, ao estado de saúde transitório em que se acha a pessoa no momento.

Nunca se deve considerar tempo perdido, o renovar a experiência do dia ou dos dias anteriores, sobretudo quando a pessoa sente a sua saúde alterada, diminuída, ou mesmo levemente modificada.

A boa e sã alimentação junta à higiene do corpo, mantém sempre as forças e conserva a saúde.

Em numerosas ocasiões, a alimentação é responsável pelos estados mórbidos que, de repente ou não, afetam nossa saúde.

Há doenças cujo desenvolvimento é muito lento, conforme a fonte de sua origem, ou que existem num estado latente.

Os órgãos ou o órgão assim ameaçados ou já atingidos às vezes, no princípio, não provocam dores

sensivelmente notáveis, para chamar a atenção ou o cuidado da pessoa sôbre que pesa a ameaça.

Avisada e prevenida em tempo, bastaria a supressão de certos alimentos que constituem o seu regimen de costume, ou então, modificá-lo, segundo as indicações dadas pelo pêndulo.

Assim procedendo, seria na maior parte dos casos, suficiente para sustar a marcha e o desenvolvimento do estado mórbido do órgão que, finalmente, curar-se-á de per si.

E' pois, muito recomendável, mesmo gozando de uma regular saúde e a fortiori quando já se começa a sentir algum padecimento, experimentar, de vez em quando com o pêndulo, o valor nutritivo dos alimentos que diariamente se ingerem nas diversas refeições.

O instrumento fará a seleção, eliminando os nocivos (ou momentaneamente impróprios), cuja ingestão seria contra indicada. Assim, evitar-se-iam certas moléstias, ou o desenvolvimento e a agravação das que estão apenas em incubação.

Como o leitor constatará, não há necessidade de análises complicadas e onerosas, nem da competência especial de uma pessoa idônea. Como acabamos de demonstrá-lo, um pêndulo é suficiente para ilustrar e guiar qualquer pessoa que saiba servir-se dêle.

Temos preconizado pela sua boa dosagem e as comodidades que trazem consigo os remédios homeopáticos, mas, essa nossa preferência, recomendando-os, não tem em vista eliminar os demais remédios, seja qual fôr a sua origem.

No interior do Brasil, nos sertões, onde os curandeiros, e em geral a gente tôda que mora longe de recursos, têm necessidade, por força maior, de lançar mão das plantas medicinaes, cujas virtudes curativas

lhes são por demais conhecidas, o pêndulo será para essa gente o melhor, o mais fiel e o mais seguro conselheiro, e isso em todos os casos:

O uso do pêndulo será uma ajuda preciosa para discriminar a qualidade dos remédios vegetais e suas propriedades curativas, permitindo antes da aplicação, a sua seleção, da maneira porque foi ensinada para os demais remédios homeopáticos ou outros.

Naturalmente, não temos preconceitos quanto aos métodos terapêuticos e, portanto, temos de reconhecer as propriedades que têm sob o ponto de vista medicinal, uma grande quantidade de plantas que se encontram em todos os países, debaixo de tôdas as latitudes, plantas de cujas virtudes curativas os habitantes souberam, desde os tempos mais remotos, tirar proveito, e que, por tradição, a sua fama tem chegado até nós.

Grande parte delas, cientificamente estudadas, foram admitidas na farmacopéia moderna, sob diversos aspectos, umas na sua forma natural ou extratos, outras em combinações químicas sob forma de sais. Entram, pois, na composição de numerosos remédios alopáticos e homeopáticos; nos primeiros, em doses senão massiças, pelo menos bastante carregadas, nos segundos, em doses até infinitesimais.

A nutrição do organismo humano provém da alimentação do corpo que fornece, com suas diferentes matérias alimentícias em quantidade possivelmente assimiláveis, tudo quanto é necessário à vida funcional de todos os nossos órgãos. Mas é certo que, para o sustento ou a nutrição completa de todo o organismo é necessário, além das matérias azotadas, gordas e dos hidratos de carbono, uma série de sais metálicos diversos, de metalóides e de metais; nestes últimos, entrando todos os conhecidos até hoje, mas, alguns em quantidade ínfima.

Por esta divisão infinitamente pequenissima é que se tornam indispensáveis e perfeitamente assimiláveis.

Assim é que aproveitamos os que nos fornecem nossos alimentos, as frutas e as plantas alimentícias que constituem nossos legumes, mas que às vezes, não usamos em quantidade suficiente.

As plantas medicinais que empregamos como remédios, trazem aos nossos órgãos adoentados ou enfraquecidos, por serem deficitários desses sais minerais e metais, provenientes da insuficiência de frutas e de plantas de hortaliças na alimentação, o que lhes falta.

Esse fornecimento opera-se em doses infinitesimais, doses comparáveis em muitos casos, às mais altas diluições da medicina homeopática.

Existem plantas medicamentosas muito carregadas em princípio ativos, a tal ponto que constituem venenos, às vezes, até dos mais violentos.

O seu emprêgo é prescrito sempre em diluições completamente inofensivas e proporcionais ao perigo que pode apresentar-se, sem esse cuidado.

No uso pois, das plantas medicinais, os seus princípios curativos são quase sempre applicados sob uma forma bastante diluida, que os aproxima dos remédios homeopáticos por esse lado, e também por outro, dos seus efeitos curativos; mas somente, quando a escolha da planta há sido bem acertada. Essa escolha muitas vezes apresenta bastantes dificuldades e torna duvidosa ou vagarosa a cura, caso ela não seja bem acertada.

Eis aqui, o que vem militar em favor do pêndulo. O uso desse instrumento para determinar com exatidão, qual será, num lote de plantas, a melhor, a mais apropriada à doença que se quer curar, dará a escolha mais acertada.

O pêndulo marcará e designará pelos seus giros positivos a planta verdadeiramente adequada para o caso a tratar, operando como foi explicado para os demais medicamentos.

A seguir vai a descrição de outro processo para a seleção dos remédios.

Com a presença do doente: coloca-se numa mesa um certo número de remédios que se julgam próprios e eficazes para a cura do doente. Remédios que se dispõem em pequeno arco de círculo e a uns 8 ou 10 centímetros uns dos outros; a uns 20 ou 30 cm. de distância no ponto que se aproxima mais ou menos do centro do arco formado pelos remédios faz-se colocar a mão do doente. Pronto êsse dispositivo o operador suspende o seu pêndulo entre a mão e os remédios a 4 ou 5 cm, de altura. O pêndulo movimenta-se. Gira, oscila, torna a girar e finalmente oscila francamente dirigindo seus movimentos para um dos remédios, dentre os postos em experiência, se se acha um realmente eficaz.

Se não houver, o pêndulo continuará seus movimentos alternados entre giros e oscilações, sem fazer escolha. Deve-se então recommençar a experiência com outra série de remédios, também escolhidos e suspeitados capazes de servir para a cura. O pêndulo suspenso de novo e admitindo que a escolha seja mais bem acertada, após algumas giros e oscilações, dirigirá, por fim, estas para um dos remédios que deverá ser considerado dentre os demais como sendo o mais eficaz. Para melhor comprovar a sua eficácia, poderá ser experimentado pelo método indicado na Introdução dêste livro.

Após o pêndulo ter designado um remédio, retira-se-o e continua-se a experiência com os remédios restantes. O pêndulo poderá então indicar outro remédio, porém de eficácia menor; continuando ainda, o

pêndulo poderá indicar um terceiro e até um quarto remédio.

Isso acontece quando os remédios escolhidos para a experiência respondam bem para a cura.

Sem a presença do doente: nesse caso, substitue-se o doente por secreções suas, sangue, urina ou qualquer objeto de uso íntimo dele que tenha esta em contato com o seu corpo, objetos que se colocam no mesmo lugar que ocuparia a mão. Suspenso o pêndulo como dito precedentemente, dirigir-se-á após diversos movimentos, com oscilações insuspeitas para o remédio que dentre os demais deverá ser considerado o mais ativo; retirando-o e continuando a experiência, outro remédio será designado, em seguida um terceiro e até um quarto se por acaso existir.

Notar-se-á que a ação dos remédios assim indicados possuem uma eficácia decrescente. O primeiro é sempre o mais ativo.

Esse processo serve ainda para comprovar o outro.

CAPÍTULO V

Das causas dos erros

Resta ainda muito que dizer para completar a iniciação dos leitores na prática da Radiestesia e na manipulação do pêndulo. Mas, como o fizemos notar de princípio, o presente trabalho não comporta, nem mesmo resumido, um curso da ciência radiestésica, senão apenas, repisando uma vez mais, as instruções para as pesquisas dos remédios mais adequados à cura das doenças.

O escopo que nos propuzemos está atingido; apenas resta fazer algumas observações quanto à manipulação do pêndulo que os leitores, curiosos e animados em fazer experiências, terão de aprofundar e fortalecer-se na prática, afastando as causas geradoras de erros.

Casos duvidosos, de insucessos, de interpretação errônea ou incerta, apresentam-se a miúdo para os principiantes.

Já, no que antecede em capítulos anteriores, aludimos a alguns desses pontos melindrosos que podem — não sendo objeto de advertência prévia — desanimar o principiante.

E', pois, conveniente que os mais importantes sejam apresentados com explicação suficientes para remediar, tanto quanto possível, a confusão e as dúvidas que podem assaltar o espírito dos principiantes,

indicando-lhes os meios mais próprios para evitar-lhes todo dissabor que um máu êxito lhes possa causar.

A seguir, mencionamos alguns dos escolhos em que tropeçam muitos principiantes e que são devidos a si próprios. Ignorados, causam fatalmente o desânimo:

a) Quando o operador mantém levantada a pondo pé direito no ar, nada se mexe (não acreditamos que seja esta uma regra geral aplicável a todos os radiestesistas) mas é melhor que o pé descanse em cheio no chão; ⁽¹⁾ deve-se evitar também o cruzamento das pernas.

b) Se o pêndulo se achar mal pendurado, quer apertando demais o fio, com o braço teso e contraído, quer com um comprimento de fio de suspensão demasiado curto ou demasiado comprido.

c) Se o operador não é bastante sensível, deve desenvolver a sua sensibilidade com exercícios repetidos. A êste escolho junta-se o da falta de treinamento e de flexibilidade, que são as causas de formação das reações do pêndulo, e induzem a erros na interpretação dos movimentos pendulares. Assim, a cifra de série não corresponde mais à verdadeira do corpo ensaiado; e, até as gições podem ser invertidas. Com muitos exercícios, essas dificuldades desaparecem, e vencem-se aqueles escolhos.

d) O trabalho radiestésico prolongado sem interrupção, causa uma fadiga nervosa que pode in-

⁽¹⁾ Valendo-se do "RAIO CAPITAL", a posição dos pés ou das pernas não influencia os movimentos do pêndulo; e nas pesquisas dos remédios, é êste o raio que sempre intervém. Parte dos corpos ou matérias em apreço ou não dirige-se, não só à cabeça do operador, mas de tôda e qualquer pessoa sem que seja por elas pressentido; sendo-o unicamente pelo operador que o capta com seu instrumento quando êste dá de encontro com êle.

O raio capital foi descoberto pelo abade MERMET.

fluenciar as reações pendulárias e, portanto, ser uma causa de erros. Quando se produz essa nervosidade não se deve prosseguir no trabalho; convém descansar. Meia hora seguida, é mais que suficiente.

e) Às vêzes, há horas e dias em que o operador não sente nenhuma disposição. Em tal caso, inútil será insistir. Melhor é esperar achar-se bem disposto.

f) O trabalho mental do operador é, muitas vezes, um dos escolhos maiores que facilitam os mais grosseiros erros. Esse estado é criado pela sugestão. — Muitas vezes procura-se conseguir uma "Cifra de série" conhecida — cifra errada na ocasião, unicamente porque o operador fixou-a mentalmente na sua imaginação, tanto que as reações do pêndulo ficam como que constringidas, e é ao fluxo nervoso que domina o operador, que o pêndulo obedece. É preciso acalmar os nervos, e afastar tôda idéia preconcebida. Recomeçar a experiência horas ou dias depois com espírito mais tranquilo, evitando que a imaginação se fixe previamente sobre uma idéia relativa à pesquisa que se deseja fazer.

O espírito deve ficar livre de qualquer idéia que não seja a da experiência.

g) Quanto às "Cifras da série" dos corpos ou das matérias, como ficou dito, a contagem oferece, a princípio, uma dificuldade que só pode vencer-se com muito treinamento e numerosos exercícios. Mas ainda existe outro obstáculo devido ao fato de certos corpos ou matérias, possuírem a mesma cifra. É pois de tôda necessidade não confundí-las. Assim, o cobre, a água, as cavidades subterrâneas, o gaz metano dos pântanos, o grisú, o leite, cada um tem um cifra de série idêntica, cifra que é 6. Essa cifra varia ou pode variar conforme a sensibilidade do operador. Assim, para o abade MERMET a cifra do cobre ou bronze e da água é 7. Mas o melhor meio e o mais seguro para

distinguí-los (os corpos entre si), é pelo emprego das "amostras-testemunhas". Esta dá origem ao RAIOS TESTEMUNHO ⁽¹⁾ que liga entre si os corpos semelhantes.

Para a pesquisa de remédios a questão das "cifras de série" não tem utilidade. O operador não tem necessidade de conhecê-las e não deve importá-las com elas. Só mais tarde, quando já mestre, poderá estender sua curiosidade a esses conhecimentos.

b) Outro escolho é o da interpretação dos movimentos pendulários.

Esta é importantíssima. O pêndulo não falha nunca. Mas toda a inteligência do operador, a sua perspicácia, o seu treinamento, as suas numerosas experiências e suas observações, e mais ainda, seus êxitos e seus insucessos, não serão demais para que interprete ajuizadamente as reações do seu instrumento. Não deve basear-se numa única experiência, deve repeti-la com horas ou dias de intervalo, se necessário, e antes de tirar a conclusão, precisa ainda comprovar a experiência por meio da amostra testemunha. Evitar sugestionar-se. Auto-sugestão e sugestão, vindos de fora, agem igualmente sobre a interpretação e falseam-na.

(1) Além dêsse meio, qualquer confusão devida a similitude das cifras de série torna-se impossível, pela razão que cada corpo ou matéria diferencia-se pelo seu RAIOS FUNDAMENTAL; e em sentido de giração que lhe é próprio, o que impede que se possa confundir com outro, possuindo a mesma cifra.

O RAIOS FUNDAMENTAL foi também, como raio CAPITAL, descoberto pelo Abade MERMET. Parte dos corpos, afasta-se deles e forma com o meridiano magnético, linha NORTE-SUL, um ângulo "invariável" e mais ainda, outro sempre constante pela sua inclinação sobre o plano horizontal. Procurando encontrar o raio fundamental de um corpo, ou matéria qualquer, notar-se-á que o pêndulo fica inerte, e completamente imóvel até que dê de encontro com o raio buscado, cujo comprimento é proporcional à massa do corpo, e é geralmente muito curto.

i) Evitar-se-á toda precipitação, negligência, distração, e inatenção; palavrório perto de si, ou qualquer preocupação. Como também atribuir ao pêndulo mais do que manifesta em realidade, e tirar conclusões além do que permitem e autorizam suas indicações.

j) O estado de saúde do operador não deixa de ter a máxima importância quando experimenta em benefício de terceiro. Estando doente ou enfraquecido por qualquer padecimento, não conseguirá tirar do pêndulo interpretações exatas, sobretudo na seleção dos remédios, sendo que a escolha destes pode corresponder à cura da sua própria doença. Mas nesse caso há a possibilidade de uma correção. (1)

Existem ainda outros escolhos que o radiestesista deve, sobretudo, evitar. Estes não são sempre fáceis de vencer, e consistem na presença de terceiros assistindo às experiências.

O operador além de poder ficar distraído pela conversa dos presentes, por perguntas intempestivas e até, as vezes, por zombarias, está sujeito a sugestões de grande nocividade na execução de seus trabalhos. As reações provocadas pelos presentes podem ter sua influência nas ondas rítmicas e alterar a sua receptividade.

Outras observações se poderiam fazer também, assinalando outras causas de erros, mas estas últimas são peculiares aos trabalhos radiestésicos referentes à hidrologia, à geologia e mineralogia.

As principais, acima expostas, são as que devem evitar-se nos diagnósticos médicos e nas pesquisas de remédios. A estas pois, limitaremos nossas explica-

(1) Bastaria ao operador procurar para si próprio, antes de operar, o remédio que lhe convém, e guardando-o no bolso, ou na mão, poderá então proceder às suas investigações.

ções, advertindo que os insucessos podem evitar-se quase sempre, tendo o cuidado de não cair nos erros apontados.

OBSERVAÇÃO IMPORTANTÍSSIMA

Nas experiências, quer diretamente com os doentes, quer indiretamente com coisas ou objetos íntimos que lhes pertencem, quer com os remédios a experimentar, deve-se evitar que se produza remanescência, por impregnação devida a contatos anteriores, deixados por outros doentes ou por outros objetos de seu uso íntimo ou devido a remédios colocados "uns após outros" no mesmo ponto; os doentes, por exemplo, ao descansarem a mão na mesa, ou também, em se tratando de remédios a selecionar, quando por comodidade, são colocados uns após outros no mesmo ponto de suporte, mesa ou outro móvel.

O contato de um corpo ou matéria anteriormente colocado num ponto de uma mesa, graças a várias experiências que se fizeram a fio deixam sua impregnação no lugar, assim acontecendo com qualquer outro objeto.

Este ponto acha-se, portanto, mais ou menos impregnado, apresentando-se então o fenômeno da remanescência. O pêndulo evolui nesse caso, influenciado, dando os seus movimentos sempre falsas indicações.

Para obviar esse inconveniente, é preciso, em cada experiência, colocar-se uma folha de papel "branco", no mesmo lugar, a fim de isolar e evitar que as impregnações anteriores, pela sua remanescência, falseiem as experiências posteriores, influenciando nos movimentos do pêndulo.

Recomenda-se também desimpregnar. Essa operação que se estende até ao operador, às suas mãos,

ao pêndulo" e à mesa, efetua-se pelo método do magnetismo, pelo "sopro e movimento das mãos".

Sacudir-se-ão energicamente as mãos na direção do chão; soprar-se-á nos dedos e far-se-ão algumas aspirações profundas, ou ainda tocar-se-á o chão com a mão que sustenta o pêndulo. Usa-se também, com muito êxito, o enxofre em bastão. Mas, como dissemos a princípio, uma folha de papel "branco" bastará, renovada após cada experiência. O operador terá, pois, a escolha dos meios acima apontados quando se lhe apresentar a oportunidade de fazer varias experiências seguidas, no mesmo lugar.

CAPÍTULO VI

REMÉDIOS SELECIONADOS PELO PÊNDULO

Seu modo de aplicação conforme os casos

Existem nos doentes estados que, às vêzes, poderiam fazer acreditar que o remédio pesquisado não é — em aparência — o mais adequado. Assim, por exemplo, dar-se-á essa circunstância nos casos em que os doentes sofrem a um tempo de duas ou mais doenças e quando os doentes, por exemplo, sentem dores espalhadas ou localizadas em algumas partes do corpo, ou em órgãos diferentes. Em muitos casos, esse fato pode ser atribuído a alguns reflexos.

Se a pesquisa do medicamento se fizer com a presença do doente ou com objetos íntimos que lhe pertencem, ou ainda com excreções suas, ou sangue, fácil será compreender que as reações do pêndulo serão devidas às radiações do órgão mais afetado, sendo as que mais predominam; e em ordem decrescente assinalam-se as outras, isto é, as demais, se as houver.

Neste caso, o pêndulo pode indicar uns tantos remédios próprios para a cura, mostrando todavia numa ordem decrescente suas propriedades curativas, e portanto, um indício para alternância dos remédios a receitar. Claro é que se deve primeiro receitar o me-

dicamento pelo qual o pêndulo achou-se mais impressionado, demonstrando-o pelos seus movimentos mais rápidos e mais desenvolvidos, e em seguida, os demais remédios na ordem das suas propriedades curativas, quanto ao caso em apreço. Receita-se alternativamente, se se julgar preciso, os dois ou três seguintes pelos quais o pêndulo demonstrou maior atividade.

Contudo, em tal caso, será indispensável valer-se do pêndulo novamente para verificar entre os remédios indicados qual é o que leva a prioridade pela sua maior atividade, para dar-lhe a preferência. Doentes há que acreditam sofrer de diversos órgãos, porém, às vezes, basta um órgão apresentar lesões, diminuições ou falta de atividade nas suas funções para alterar ou diminuir a ação funcional de outros órgãos cujas relações são reciprocamente ligadas, e agindo nos reflexos, fazer acreditar que possa haver dois ou mais órgãos lesados e afetados. Nessa hipótese, o remédio indicado pelo pêndulo é sempre o que apresenta maior atividade, o mais adequado, e que se deve receitar.

E' preciso ter sempre presente que, usando remédios homeopáticos, devem se observar no modo de aplicá-los, as regras estabelecidas para seu emprêgo, mas que, em tôdas as circunstâncias, o pêndulo virá auxiliar, pelas suas indicações, o melhor modo a seguir.

Sabe-se que as doenças crônicas provocam a miúde, com o tempo, lesões diversas. As funções de certos órgãos são alteradas ou diminuídas. Quase tôdas as pessoas atacadas de enfermidades crônicas, podem padecer ainda, devido ao máu ou deficiente funcionamento de outros órgãos que provocam dores agudas, que, não raro, sobrepujam, as que têm a sua

origem no órgão afetado de cronicidade, o que lhes faz acreditar que sofrem de diversas enfermidades.

Em casos semelhantes, não há negar a existência de alguns órgãos cujas funções têm-se tornado anormais e as dores espalhadas não são tôdas provocadas por reflexos. (Nestas considerações, não entram as dores reumáticas ou artríticas por mais que as primeiras tenham, às vêzes, causas provenientes de lesões afetando outro órgão).

Embora, e na verdade, como diz o Dr. ALEXIS CARREL no seu livro — "L'Homme, cet inconnu", pág. 132, — *Aucune maladie ne reste strictement confinée à un seul organe.*

E aqui, temos — sem dúvida — a explicação por que na pesquisa e seleção dos remédios, apresentam-se, às vêzes, três, quatro e até mais remédios, que o pêndulo revela suscetíveis de curar o enfêrmo, demonstrando cada um seu valor curativo igual, ou em gráu menor.

Recomendámos acima, dar, nesse caso, a preferência ao remédio que sempre provoca a maior atividade do pêndulo; mas quando são êles três ou quatro, por exemplo, seria lógico aplicá-los todos juntos sendo possível, ou então alternativamente.

Com efeito, aplicando um só, o que dêles parece ser o mais ativo, pode-se admitir que o órgão causador das desordens e dos sofrimentos crônicos possa melhorar e até curar-se; mas as lesões desenvolvidas em outros, permanecem, exigindo longo prazo para a cura com a ajuda de outro remédio, a escolher. Continuará precária a saúde do doente, persistindo as perturbações, acompanhadas de dores que nem sempre são atenuadas.

Essa situação, sem modificação aparente no estado melindroso da saúde do doente, desacorçoa-o, leva-o em afigurar-se que os remédios que se lhe têm

receitado até então, não produziram nenhum proveito, nem o menor efeito curativo.

Um só medicamento em tal caso é, de certo, impotente para cobrir e sanar um conjunto de lesões de origens diversas — porque elas podem existir fóra da causa da cronicidade doentia de outro órgão.

Por esse motivo, somos levados a recomendar e prescrever três, quatro ou cinco medicamentos selecionados pelo pêndulo, para serem empregados todos juntos. Essa mistura que determina a complexidade do remédio a receitar, não é praticada nem usada em homeopatia, embora não seja uma novidade, porquanto há algum tempo atraz entrou na prática. De fato, a unidade na composição de cada um dos medicamentos homeopáticos é obviada, por meio da alternância na tomada dos remédios. Aachamos, porém, preferível recomendar, em todos os casos, em que o pêndulo revela mais de um remédio, receitá-los todos para serem tomados juntos e de uma só vez em cada uma das doses.

Os grânulos homeopáticos apresentam-se muito adequados para esse fim. Sendo uma dose dêles de 5 a 10, tornar-se-á para uma dose composta de dois medicamentos diferentes, metade dos grânulos de cada um dos dois para constituir uma dose; se de três, três de cada um; se de quatro, dois de cada um, pon-do um ou dois dêles com diluição mais alta ⁽¹⁾ (em lugar de D 3, tomar-se-á D 4 ou D 5, por exemplo, ou carregando de preferência, com mais um ou dois grânulos, aquele para o qual o pêndulo terá demonstrado maior atividade). E assim operar-se-á se forem cinco ou seis os remédios selecionados pelo pêndulo. Cada dose assim composta, tomar-se-á na forma pres-

(1) Ou então, em certos casos, uma diluição mais baixa.

crita, quer a sêco na bôca, quer dissolvida em meio copo de água de uma vez.

Recomendamos êsse modo de proceder quando tem-se os remédios homeopáticos em grânulos. O mesmo pode-se fazer também se são tinturas, repar-tindo em gotas como foi dito dos grânulos. Com as ta-bletes ou pastilhas constituindo cada uma, uma dose, tomar-se-ão alternativamente, no correr do dia, fixan-do-se o intervalo, conforme o caso e a necessidade.

Todavia podem-se misturar do modo seguinte: tendo dois, três, quatro ou cinco remédios, dos esco-lhidos pelo pêndulo, põem-se num copo uma pastilha de cada um dêles, dois, três, quatro ou cinco colhe-res de água para serem dissolvidas; tomar-se-á a in-tervalo de meia hora, de hora ou de duas horas, con-forme a conveniência, uma colher da dissolução repre-sentando então uma dose.

Constituído o remédio como acabamos de indicar, deixaremos ainda a palavra ao pêndulo antes de manda ingerir o medicamento. Nesse caso o pêndulo, com a mistura de dois, três, quatro ou cinco medica-mentos na sua presença, e por êle selecionados, se-paradamente, continuará demonstrando a sua maior atividade. Assim, tem-se a prova do melhor valor curativo possuído pela mistura constituindo a nova dose, tal como foi composta na sua complexidade.

Ademais, o pêndulo revelará, com uma cura mais rápida — realidade apoiada na experiência — o be-nefício que se há de conseguir, em valer-se desse mé-todo, tôda vez que o pêndulo seleciona, para um doente, mais de um remédio.

Para evitar que uma mistura fique em seguida inutilizada, após feita a seleção separadamente e const-tatado, por exemplo, que cinco medicamentos são ap-tos e reconhecidos bons para a cura de uma doença o operador pode reuni-los (sendo êles encerrados em

tubos, amostras-testemunhas), antes de realizar a mistura, na sua mão esquerda e experimentá-los em bloco. As gições positivas deverão manifestar-se fortes, violentas, energicas, ou ser pelo menos iguais às das mais ativas de um deles; a mistura então é possível, não havendo remédio que a ela se oponha.

Se as gições são negativas, é que um ou dois dos cinco medicamentos selecionados pelo pêndulo se opõem à mistura e não podem associar-se. E' preciso então retirá-los e receitá-los à parte.

Em tal caso para reconhecer o medicamento que não pode entrar na mistura, recomeça-se a experiência, primeiro com 2 tubos na mão, se as gições são positivas e bastante ativas, ajuntando-se-lhe um 3.º; se as gições continuam positivas, junta-se-lhe o 4.º tubo. Se este remédio fôr contrário à mistura, o pêndulo girará negativamente. Retira-se então este remédio, e substitue-se pelo 5.º tubo testemunha. O pêndulo dará então (se este último permite a sua mistura), gições positivas, energicas. Caso contrário, se este último remédio der também gições negativas, convidará a retirá-lo. Os dois remédios que deram gições negativas poderão ser receitados separadamente, porém não misturados.

Para a mesma finalidade, vai a seguir a descrição de dois processos novos, ⁽¹⁾ porém de aparência muito empírica, mas muito eficazes e rápidos.

1.º) Escrevem-se numa linha horizontal os nomes dos remédios selecionados pelo pêndulo com um pequeno intervalo entre cada nome.

⁽¹⁾ Esses dois processos que descrevemos aqui, que descobrimos incidentalmente, há já algum tempo e que hesitamos em publicar, nos deram resultados tão certos que hoje nos atrevemos a dá-los a conhecer. Os resultados — para nós — são os mesmos que operando com as próprias substâncias, ou amostra-testemunhas.

Começa-se a experiência da esquerda para a direita, suspendendo o pêndulo entre o primeiro nome e o segundo, entre o segundo e o terceiro, e, assim até o último. As gições positivas indicarão que os remédios assim examinados podem misturar-se, e se elas o são em toda a série, a mistura de todos os remédios pode-se fazer. Se, entre dois quaisquer, dão-se gições negativas, o nome do remédio que fica à direita, e na esquerda no seguinte intervalo, não pode associar-se à mistura. E' preciso retirá-lo, receitando-o à parte.

2.º) Nomes colocados verticalmente:

Os nomes são colocados em uma coluna vertical espaçados de uns 2 a 3 centímetros.

Essa experiência realiza-se apontando o primeiro nome, por exemplo, com o índice e notam-se os movimentos pendulares, à medida que o polegar vai deslocando-se no 2.º nome, no 3.º, no 4.º e no 5.º. As gições sendo todas positivas na série dos nomes experimentados, provam que a sua mistura pode-se fazer. Se, se der o caso que entre dois nomes as gições sejam negativas, experimenta-se pulando o nome duvidoso; se se restabelecerem as gições positivas, é que o nome pulado não convém à mistura. Se êle fôr o primeiro que encabeça a coluna, todas as gições com os demais nomes serão negativas, o que prova que é o primeiro nome que se precisa retirar da série, e que não pode associar-se com os outros.

Esses dois processos, apesar de parecerem empíricos, dão resultados certos, rápidos, e são muito práticos.

O seu emprêgo nos levou mesmo, por falta de amostra-testemunhas, a servir-nos de uma série de fichas de papelão, levando os nomes dos remédios, mais raros. Sendo essa substituição muito eficiente,

levou-nos assim a dispensar muitas amostras-testemunhas difíceis de encontrar.

Esse processo, no qual só os nomes tornam-se os agentes que parecem influir sobre o operador e o seu pêndulo, em substituição das próprias substâncias, parece ao enunciá-lo, um fato mágico e de pura bruxaria. Ao constató-lo pela primeira vez, o próprio operador fica atônito, e pergunta a si-mesmo: "Por acaso, os próprios nomes dos corpos expelirão também radiações?" "Deles emanarão ondas, vibrações, capazes de influenciar o operador?" "Será o seu poder mental que vê no nome do corpo a própria matéria de que se compõe?" "Seja qual fôr essa matéria, o lugar onde estiver localizada desprende ondas que vêm influenciar o sistema nervoso do operador, e dar-lhe a possibilidade de captá-las com o seu instrumento?"

Essas possibilidades inconcebíveis e incogitáveis, são de tão grande e extraordinário alcance que não podem explicar-se senão hipoteticamente. A priori, podemos perguntar-nos, qual será a impressão que sentirá um profano do pêndulo, em presença da realização de fatos tão surpreendentes?

Embora, reflexionando, tais fatos, tais possibilidades, — visto que sua realização é comprovada, o experimntador verifica que êsses fenômenos que se avizinham e se relacionam com os que se manifestam nas prospeções feitas a distância, em que a força mental do operador é o poder que entra em ação e permite a realização daquelas prospeções, como se os corpos e as matérias estivessem em contato com o operador.

Na realidade, existe êsse contato. Ele se estabelece pela emissão de ondas de igual comprimento das que se deseja atingir, ondas que realizam a sintonização e que permitem ao radiestesista a sua captação.

Nada pois de magia, nem de ocultismo.

As ondas de mesma longitude atraem-se.

A mediana frequência do operador, regula suas ondas, em comprimento igual às dos corpos, das matérias ou das substâncias que se quer prosperar, permite captá-las, e logo conseguida essa igualdade de comprimento, o instrumento, nas mãos do operador, pelos seus movimentos, dá-se a sensação de que, por elas, se acha influenciado e em consequência reaciona.

A exatidão dos resultados fornecidos pelas experiências, pode em todos os casos, ser comprovada. Demais, o operador tem em tôdas as circunstâncias os meios de certificar-se da correção dos resultados obtidos antes de dá-los a conhecer.

Pode-se ainda preconizar outro método, com o fim de valer-se somente dos dois remédios mais ativos, dentro dos que selecionou o pêndulo:

1.º Com a presença efetiva do doente.

Colocam-se numa mesa dois, três, quatro ou mais remédios ou simplesmente amostras dos que foram selecionados, a uns 10 cm. uns dos outros, formando um pequeno arco de círculo. Ao seu centro, o enfermo coloca uma de suas mãos. Suspenso o pêndulo entre os remédios e a mão e a uns 10 centímetros, mais ou menos daqueles, observa-se o que faz o instrumento. Após certas hesitações, êste desenvolve francamente gições positivas, puxando geralmente com mais força na direção de um deles. Acabadas as gições positivas que confirmam a eficácia dos remédios experimentados, o pêndulo descreve movimentos diversos até inclinar-se francamente em oscilações.

Estas oscilações, aos poucos vão se dirigindo com certa preferência marcada, na direção de um dos remédios, já selecionados, e quando bem determinadas

as mesmas, o remédio assim indicado deve ser considerado como o melhor e o mais eficaz dentre os demais. Deve, então, ser retirado. Recomeça-se a experiência com os demais. O pêndulo indicará novamente, outro remédio de maior eficácia dentre os submetidos à experiência. Assim, tem-se dois (2) remédios escolhidos dentre os primitivamente selecionados, que podem servir para a cura do enfermo e serem usados com toda a confiança. Esses remédios então devem ser administrados ao doente alternadamente, em cada meia hora, hora, duas, ou mais. ⁽¹⁾

Nota-se aqui um caso muito interessante e instrutivo que revela o pêndulo, e que é o seguinte. Se cada meia hora, cada hora ou cada duas horas antes de administrar nova dose ao doente, experimentam-se novamente os dois remédios escolhidos, o pêndulo indica, sem erro, o remédio a tomar naquela hora, conforme a alternação observada a princípio.

Recomenda-se ter o cuidado, depois das primeiras doses absorvidas pelo enfermo, de renovar as primeiras experiências com o conjunto de todos os remédios primitivamente selecionados, porque, não raro, acontece que o desenvolvimento da doença, devido à absorção das primeiras doses, exige o emprêgo de novos medicamentos.

2.º) Na falta da presença efetiva da pessoa doente, consegue-se o mesmo resultado, valendo-se de um objeto íntimo qualquer que tenha estado em contato com o corpo do paciente, ou bem ainda com um

⁽¹⁾ Após a seleção de dois remédios reconhecidos ótimos, querendo-se apurar a escolha entre os dois, para determinar qual deve ter a prioridade, repete-se a operação anterior, e logo o pêndulo dirigirá suas oscilações para o mais eficaz dos dois. Mas se, por acaso, lhes der igual valor curativo, as oscilações dirigir-se-ão, no meio do espaço que separa os dois remédios em apreço.

E' este outro caso muito interessante.

pouco de seu sangue, urina, saliva, escarro, ou uma qualquer outra secreção ou excreção, colocando o objeto no mesmo lugar que ocuparia a mão do doente.

Uma fotografia, um escrito ou assinatura podem dar os mesmos resultados; e até mesmo, fomos levados nas nossas experiências, a substituir o doente por uma ficha, somente com o seu nome. Os resultados conseguidos confirmaram nossas previsões.

Ante tal êxito, ficámos abismados. Parecia bruxaria. Mas, as experiências repetidas, sempre com inegável e surpreendente sucesso, nos pasmavam.

Em presença de êxitos tão inconcebíveis e inesperados quanto animadores, fomos impelidos, neste mesmo plano, a dar maior extensão às nossas buscas, e pudemos verificar sempre, no caso da radiestesia aplicada à medicina que, fichas ou cartões, como de princípio o indicámos, nos quais são inscritos o nome do doente, os nomes das moléstias e os dos remédios, nos davam sempre resultados idênticos aos obtidos com a presença efetiva do doente e os das nossas amostras-testemunhas. A série das fichas com o nome das enfermidades dava o meio de descobrir o nome da doença de que padecia o enfêrmo, e isso, para os leigos, na maior parte dos casos o meio de descobrir, vice-versa, o remédio adequado à doença.

Ademais, era possível provar que remédio e doença se relacionavam perfeitamente com o nome do paciente indicado na ficha, e que o remédio, também indicado, achava-se em perfeita harmonia com a doença e com o enfêrmo.

Ainda, verificámos que, entre dois remédios selecionados como ficou dito em último lugar, um ou outro, após a absorção pelo doente perde, — às vezes — ao cabo de algumas horas, o seu poder curativo ou parte dêle, poder que tinha manifestado na ocasião de sua seleção com a maior atividade.

Quando o pêndulo assinala essa deficiência, convém tornar a experimentar os demais remédios antes selecionados, e reconhecidos bons de princípio. Assim, descobre-se dentre êles, o medicamento novo que deve vir em substituição do remédio que se tornou fraco, devido à evolução da doença.

Assistindo um doente em estado grave, êsse caso manifestou-se três vêzes no espaço de oito horas. Já anteriormente, tinhamo-lo notado algumas vêzes em diferentes ocasiões.

Com êsse novo processo, chegámos a dispensar e a suprimir o emprêgo das amostras-testemunhas, cujo uso, para muitos operadores radiestesistas principalmente para todos os que moram no interior do país, a constituição d'uma coleção completa, seria difficilmente realizável, e ao mesmo tempo, assás onerosa.

E' uma vantagem econômica que muito apreciarão numerosos radiestesistas, e é, sobretudo, êsse o motivo que nos incitou em dar a conhecer êsses métodos novos.

Nesta terceira edição de "A RADIESTESIA NO LAR", não quizemos suprimir o que foi dito e explicado quanto à seleção dos remédios com a presença do doente, ou somente com objetos do seu uso íntimo, e dos medicamentos guardados na mão, ou ainda com o emprêgo das amostras-testemunhas, tal como foi publicado na primeira edição, "Instruções que ainda sempre valem", porque, sempre podem servir para verificações e comprovações de resultados provenientes de outros métodos. Outro objetivo tinhamos ainda, que consistia em princípio, não querer falar de nossa descoberta ⁽¹⁾ tal qual a realizámos, nem dar-lhe publicidade antes que appareça descrita em nosso "Manual

(1) Dissemos aqui: "nossa descoberta" ignorando, até agora, se outros, antes de nós, têm a prioridade.

Teórico-Prático de Radiestesia” que em breve sairá à luz. Foi só à última hora que resolvemos expô-la e publicá-la, a fim de que possa aproveitar a outrem.

O nosso **“Manual Teórico-Prático de Radiestesia”** que será editado oportunamente encerra um capítulo especial em que são descritos esses novos métodos decorrentes de nossa descoberta.

Convirá sempre, acabada a mistura de alguns remédios, todos selecionados e reconhecidos bons com o pêndulo, tornar a examinar o valor do novo remédio assim composto.

O pêndulo dará gições positivas mais ativas e mais desenvolvidas do que as dadas por cada um dos remédios em separado, ou pelos menos iguais.

Em caso contrário, o pêndulo dará gições negativas, sendo a causa atribuída a que um deles, apesar do ser bom para a doença em estudo, não combina com os demais e não pode com eles associar-se. Convém retirá-lo da série e receitá-lo à parte.

Para reconhecer o medicamento que não deve entrar na mistura, retira-se um após outro, um deles, que se torna a incluir, se o pêndulo dá gições positivas, até chegar, desse modo, à exclusão do remédio que provoca as gições negativas pela sua própria natureza. Os demais, então podem misturar-se.

NOTA — E’ preciso não preparar senão doses para 12 ou 18 horas no máximo, e de tornar a fazer no dia seguinte nova seleção. Pode dar-se o caso que alguns remédios da véspera sejam eliminados, e que outros novos sejam selecionados. Pode mesmo acontecer que um remédio que haja sido eficiente e bom num dia e eliminado depois, torne a ser novamente eficaz, em dias posteriores.

Por isso recomendámos a conveniência que há de experimentar cada dia os remédios considerados bons

na véspera, para ter a certeza que continuam com a sua mesma eficácia.

Ao usar remédios homeopáticos (grânulos ou pastilhas) deve-se evitar, se possível, tocá-los com os dedos.

Quando o pêndulo escolhe para o tratamento de uma doença 3, 4, 5, ou mais medicamentos cuja eficácia parece realmente demonstrada com suma certeza, evidenciada pela atividade do pêndulo, pode suceder que um ou outro, dentre êles, se apresente com atividade menor, sem que a sua eficácia real seja desmentida; valer-se-á dêle ou dêles cada vez que se tratar de uma mistura para, com vários outros remédios, constituir, doses complexas. Não há perigo nenhum de juntá-los à composição. Se há superfetação ela não pode ser nociva.

Ademais, o remédio ineficaz será rejeitado naturalmente pelo organismo doente.

O nosso novo método ou o Método das Fichas

No fim do capítulo precedente, expusemos e preconizámos dois novos processos para reconhecer, quando existem possibilidades ou não, de misturar dois ou mais remédios sem que haja neutralização de suas propriedades curativas, ou outros inconvenientes de maior ou menor importância.

Ampliando o processo já exposto do emprego dos nomes em substituição das próprias substâncias, fomos levados, para facilitar as nossas experiências, a constituir "séries de fichas", — cada uma com o nome de um remédio.

Essa idéia nos veio da aplicação dos dois processos preconizados no fim do capítulo precedente; mas ainda foi devido, sobretudo, à consequência de numerosas buscas e experiências que fizemos estudando diversos minérios ou rochas; experiências que nos impeliram muitos antes a substituir por seus nomes, os minérios ou rochas que, nesses estudos, não tínhamos à mão como amostras.

A seguir vai um resumo desse novo método, quanto à sua aplicação e o modo de utilizá-lo, no ramo da seleção dos remédios para a cura das enfermidades.

Esse novo método consiste no emprêgo de fichas em substituição dos doentes, das substâncias medicamentosas próprias e de quaisquer produtos curativos.

Extraímos-lo do nosso "Manual Teórico-Prático de Radiestesia" para os leitores de "A RADIESTESIA NO LAR", com o visio de que esses conhecimentos ser-lhes-ão de grande utilidade prática.

Os dois novos métodos a que nos referimos e que acabámos de descrever no Capítulo VI, decorrem de experiências que, pela substituição dos doentes por fichas (cartões) levando o nome do doente, o da doença, se esta é conhecida ⁽¹⁾, e o nome de cada remédio, dos existentes, permitem sem a presença efetiva do doente, fazer com muito êxito nossa experiência, sendo-nos possível pois, descobrir o remédio para sua cura.

Uma tal possibilidade nos causou uma imensa surpresa, e a dúvida apesar do êxito da experiência, não abandonou o nosso espírito, embora estivessemos de sobre-aviso.

Tôdas as precauções foram tomadas, quando à sugestão e auto-sugestão. Fizemo-nos substituir por outros operadores sem tê-los posto previamente, a par das nossas buscas, e da experiência de cujo resultado desejamos ter a prova exata, e obtivemos plena satisfação.

Essas experiências realizadas assim por terceiros que ignoravam a finalidade de nossas buscas corroboraram a convicção de que não nos tínhamos enganado, nem sugestionado e que estávamos seguindo um caminho certo.

Ficou então demonstrado e provado que um radiestesista podia, nessa via nova, operar "em branco",

(1) O nome da enfermidade pode ser dispensado.

isto é, simplesmente com fichas, ou sejam cartões levando uns, o nome do doente, outros os nomes de diversas doenças e finalmente, um terceiro grupo de cartões levando os nomes de todos os principais remédios conhecidos. Com estas três séries de cartões torna-se possível clinicar em casa ou no escritório, sem a presença efetiva do doente.

Quando se reflexiona em tais possibilidades, o próprio radiestesista fica pasmado, maravilhado, atônito. Parece impossível acreditar nelas. Não obstante, aí estão os fatos. Cada pessoa, toda e qualquer uma pode, de per si só, fazer a prova.

Negar, refutar, antes de ter experimentado, seria mostrar temeridade, uma cabal má fé, e ainda mais, uma ignorância muito erudita. Com efeito, para refutar um fato patente que se realiza, que salta à vista, é preciso ter uma copiosa dose de erudição para negá-lo, de chofre, e provar, com argumentos sérios, que êle é falso, que não existe e que a sua realização é quimérica, impossível, inverossímil.

Confessamos que ficámos verdadeiramente emocionados ao constatar o resultado da nossa primeira experiência; experiência que nos pôz na via do êxito.

Não podíamos acreditar. Mas, as experiências repetidas às centenas em buscas mineralógicas, nas quais empregávamos fichas (idéia que por acaso nos veio à mente) para substituir as rochas e minérios que não possuíamos, nos surpreendeu e maravilhou pelos resultados que conseguimos. Resultados corroborados em seguida pela análise radiestésica das mesmas rochas e minérios.

Esses sucessos levaram-nos a substituir por fichas, nas experiências de seleção de remédios, os medicamentos que não tínhamos na nossa coleção de amstras-testemunhas, e, a nossa surpresa foi num crescendo, ao constatar que os resultados obtidos eram exata-

mente os mesmos que tínhamos colhido com as próprias substâncias.

O emprego das fichas não oferece para o operador radiestesista, nenhuma dificuldade.

Opera-se com elas exatamente como se o doente estivesse presente; e para a busca dos remédios procede-se do modo que foi indicado nos Capítulos IV e VI.

Esse novo método não apresenta complicação nenhuma. Ainda mais, a seleção dos remédios feita com as fichas e com o nome — só — do paciente, pode ser logo comprovada, com os remédios escolhidos e com a presença efetiva do enfermo ou com alguma coisa ou objeto do seu uso íntimo, ou ainda com sangue, urina, saliva etc.

As gições que se conseguem com as fichas, devem ser as mesmas que as obtidas com as amostras-testemunhas e os remédios selecionados.

Para a aplicação do método das fichas em radiestesia, nas buscas, pesquisas e prospeções, como em seleção de remédios, e em tudo quanto toca à terapêutica, todo e qualquer radiestesista-operador, achasse por demais habilitado, visto que, não há mais que uma pura e simples substituição na prova cujo êxito é plenamente confirmado pela experiência. Todas as operações a que dão lugar, buscas e seleções já descritas nos diversos capítulos desta obra, podem executar-se da mesma maneira, pelos mesmos métodos, tanto com as fichas como com as substâncias medicamentosas concretas, isto é, com os próprios remédios ou as amostras-testemunhas. Na prática não ocorre nenhuma modificação nos diversos processos expostos precedentemente.

Apenas substituem-se os remédios ou as amostras-testemunhas por fichas, levando cada uma o nome de um remédio, e por fichas também, uma levan-

do o nome do doente e outras os das doenças, quando conhecidas. A facilidade que as fichas oferecem de se substituírem aos remédios, salva a dificuldade da constituição sempre onerosa, de uma botica de amostras-testemunhas.

Pois tornou-se fato inegável que se consegue, operando só com fichas, resultados idênticos aos que daria, de um lado a presença do doente, ou objetos do seu uso íntimo, e de outro as amostras-testemunhas.

Possuindo os remédios próprios, sempre, para a comprovação, o operador poderá e deverá mesmo, fazer a contra-prova para assegurar-se da exatidão da sua primeira experiência.

Trabalhando e experimentando com fichas, não há nenhuma diferença que se possa notar quanto aos demais processos já descritos, para com o uso das amostras-testemunhas.

Em todos os casos, processa-se sempre da mesma maneira já descrita acima nos diversos capítulos.

Não obstante, recomendamos, enquanto for possível, a leitura do Capítulo XVI do nosso "Manual Teórico-Prático de Radiestesia", relatando a descrição do "Emprêgo das fichas e como foi descoberto êsse novo método".

Como dissemos, êsse novo método pode ser aplicado em numerosas buscas e prospeções, tocando multiplos ramos científicos, nos quais dará sempre resultados indiscutivelmente equivalentes aos obtidos com os corpos ou matérias em próprio que se tratasse de estudar ou de prosperar, tal qual o conseguimos em prospeções terapêuticas.

CAPÍTULO VIII

Outras aplicações do Pêndulo

Na introdução falou-se da possibilidade que havia de poder diagnosticar as enfermidades com a ajuda e intermédio do pêndulo, mas não temos insistido nessa experiência, nem tornamos a mencioná-la, e mesmo, evitámos dar explicações sôbre o modo de proceder, porque, tal diagnóstico não pode ser proveitoso, nem ser feito com precisão, senão por uma pessoa habilitada, isto é, doutor em medicina, possuindo todos os conhecimentos que longos estudos tenham preparado para ilustrá-lo nas ciências médicas.

A anatomia, a patologia, a posologia são ciências que o põe para logo em condições de poder tirar do pêndulo os maiores proveitos em benefício dos enfermos que o vão consultar.

Uma pessoa de boa instrução mesmo, porém desconhecendo aquelas ciências não poderá conseguir de um diagnóstico pendulário resultados iguais aos recolhidos por um médico cuja competência "radiestésica" seja rigorosa e indiscutivelmente estabelecida. ⁽¹⁾

⁽¹⁾ A êsse propósito, temos de insistir e de recomendar a todos os que teriam necessidade de recorrer aos serviços radiestésicos, sobretudo nos casos de doenças, de precaverem-se evitando cair em mãos de CHARLATÃES. (Ver nosso "Manual Teórico-Prático de Radiestesia", onde há diversos métodos para estabelecer um diagnóstico).

Por esses motivos, intencionalmente deixamos de estender-nos sobre o modo de proceder para fazer o diagnóstico de uma pessoa doente.

E' preciso deixar esse cuidado, só a quem possui uma competência notória, bem estabelecida.

Não obstante, temos explicado bastante extensamente, e exposto claramente tudo quanto se precisava saber sob o ponto de vista prático, para escolher o remédio próprio e acertado à cura de qualquer doença.

Este foi o nosso único e principal propósito, procurando, tanto quanto possível, vulgarizar o método da aplicação à cura das doenças que, como se há podido verificar, não exige maiores conhecimentos, além dos já expostos.

Embora nos limitemos à exposição e descrição do método em apreço, não nos parece isto suficiente para ilustrar o leitor. O domínio dessa ciência nova, a "radiestesia" é tão vasto que tem ligação com um número não pequeno de tudo quanto se relaciona com certos estudos especificamente utilitários, que não se pode deixar de dar a conhecer aqui, algumas outras das suas aplicações, dentre as chamadas a prestar os maiores serviços.

Mas antes de assinalar algumas delas, vamos estender-nos sobre as que vêm em continuação, das que amplamente pormenorizadas nos precedentes capítulos e das que apenas temos mencionado sobre as possibilidades, em poucas palavras no Capítulo I, onde diz-se da possibilidade de educar o corpo do operador para que não mais ofereça resistência à passagem das radiações que emitem todos os corpos e todas as matérias visíveis, soterradas ou escondidas onde quer que seja.

Voltando pois, ao mesmo assunto, tem-se dito igualmente, com insistência, que todos os corpos irradiam e que deles, projetam-se no espaço emanações fluidicas em fórmula idêntica às que o "radium" expelle sem interrupção. Dizendo todos os corpos, devemos compreender e ter presente que, nêles ficam abrangidos todos os corpos vivos ou mortos, de homens ou de animais, os vegetais e também os minerais, isto é, orgânicos.

Numa palavra, incluem-se todos os seres. Por tanto, se pelo que temos visto precedentemente o pêndulo percebe as radiações dos corpos inertes e sólidos: metais, minérios, bem assim as de diversos líquidos e sólidos, e mais ainda, as que emanam do corpo humano, não há motivos para que dos animais, em geral, não saia também um fluido que possa ser evidenciado e captado como o são todos os demais.

Não há negar tal particularidade, posto que, de princípio, declara-se que todòs os corpos que existem na Natureza desprendem de si emanações fluidicas que, em tôdas as direções irradiam, subindo na atmosfera para misturar-se ou mergulhar no éter.

Estabelecida e comprovada a existência dessas emanações, tudo quanto se tem falado, a respeito da cura das doenças pela pesquisa e seleção dos remédios por intermédio do pêndulo, pode aplicar-se também à cura dos animais doentes procedendo-se de modo idêntico à pesquisa dos remédios de maior eficiência para as pessoas. (Ver o Capítulo IX que trata especialmente da cura dos animais domésticos). Váler-se-á, neste caso dos remédios, quando se têm à mão.

Com o fim de facilitar êsse trabalho de seleção seria conveniente usar um pêndulo ôco no qual se colocaria uma amostrinha do remédio a ensaiar-se.

Esses pêndulos existem, e dentre os mais práticos, citar-se-á o do abade MERMET. ⁽¹⁾

Na arte veterinária tem-se conseguido curas maravilhosas, graças aos trabalhos de diversas altas competências, doutoradas naquele ramo; trabalhos do mais alto interesse que levarão à aplicação dos métodos radiestésicos à biologia animal e vegetal.

Esses estudos são tratados mais adiante num capítulo especial; quanto à aplicação da radiestesia à agricultura, os leitores acharão a questão tratada no Capítulo XI. ⁽²⁾

Pode-se dizer que essa ciência fez progressos rapidíssimos no correr destes vinte e poucos anos, isto é, no período após-guerra tendo tido na França como animador principal o abade MERMET, o "az dos azes" acompanhado de numerosos colaboradores competentíssimos, "azes" também, que deram nesse pequeno espaço de tempo, um incremento tal que essa ciência nova, adquiriu, com uma fama sempre crescente, um poder de atração importantíssimo, chamando a si numerosos eruditos, doutores e engenheiros, além de milhares de amadores e curiosos.

⁽¹⁾ Pode-se usar um pêndulo cuja massa seja substituída, quando possível, pela própria amostra. Assim, suspendendo um tubinho de remédio por um fio, constitui-se um pêndulo da maior eficiência. É esse o pêndulo específico.

⁽²⁾ Recomendamos os trabalhos do Dr. Larvaron, Engenheiro Agrícola e do Dr. veterinário Abel Martin.

Maison de la Radiesthesie — 5 rue St. Roch, Paris.

CAPÍTULO IX

Particularidades que se manifestam no manejo do Pêndulo

O pêndulo, como ficou dito, oscila ou gira independentemente da vontade do operador; é por efeito de um fluxo nervoso de seu corpo, proveniente do cérebro e transmitido ao braço que o tem suspenso, que o pêndulo acha-se submetido espontaneamente, e a princípio a um movimento geralmente oscilatório.

O pêndulo, partindo de um estado de repouso, movimenta-se ao cabo de alguns segundos, conforme a matéria a estudar e a sensibilidade do operador. Após um certo número de oscilações, vêm elas transformar-se em giros positivos ou negativos, isto é, no sentido da marcha dos ponteiros de um relógio, da esquerda para a direita, as positivas; e no sentido da marcha do sol do Oriente ao Ocidente ou bem da direita para a esquerda, olhando para o Norte, as negativas, como já foi dito. Nem sempre, porém, se manifestam os movimentos do pêndulo, conforme aqui foram expostos teoricamente. Muitas irregularidades apresentam-se nestes movimentos, cujas causas o operador deve ter a competência suficiente para interpretar

Tem-se dito que, ao cabo de alguns segundos, o pêndulo movimenta-se. Segundo o corpo ou a matéria que se quer estudar, e conforme a sensibilidade

do operador, os movimentos são mais ou menos rápidos ou lentos, às vezes, hesitantes. Após poucas oscilações, estas transformam-se em giros. Persistindo estas últimas, e ampliando seu desenvolvimento, o seu sentido pode ser tomado como indicando com precisão o valor do ensaio — sendo bom, se trata de remédio, por exemplo, com as giros positivos, e ruim no caso contrário.

Isto já foi explicado no Cap. IV e também na Introdução.

Antes de concluir, será conveniente parar o pêndulo, e, após alguns segundos ou minutos, reiniciar a experiência. Pode acontecer que, de início ou depois de poucas oscilações, o pêndulo parta girando positivamente com uma aceleração crescente. Assim, tem-se a confirmação de que o remédio ensaiado possui, para o caso, verdadeira eficácia.

Mas, pode ser também que o pêndulo continue hesitante e que após poucas oscilações, passe a giros alternativamente positivos e negativos e que, às vezes, volte a oscilar sem interrupção, dobrando, triplicando, quadruplicando a "cifra de série" do corpo ensaiado, a do corpo humano, ou da doença, se é que se experimenta com o enfermo ou objetos seus. Esses movimentos não permitem tirar outra conclusão senão a de que o remédio ensaiado não é adequado. E' preciso experimentar outro.

Para não ter de aguardar muito a partida do pêndulo, pode-se imprimir-lhe um leve movimento oscilatório. Uma vez em movimento, logo as oscilações transformar-se-ão em giros — conforme o caso —, giros francamente acentuados ou não. Sendo positivos inferir-se-á que a matéria ou remédio em estudo convém; sendo negativos, conclue-se em sentido contrário. Mas, sempre será oportuno verificar com outro ou outros ensaios que não houve erro nenhum

nos precedentes. Sempre comprovar-se-á com a "amostra-testemunha" a exatidão da experiência na qual se tem fé.

Disemos já, que não há necessidade de contagem para a pesquisa dos remédios, mas quem quizer praticar poderá dar-se a êsse trabalho para acostumar-se anotando, para lembrar-se, as cifras achadas; tanto das oscilações como das gições, as duas devem igualar-se.

Quando, numa experiência, o pêndulo mantém-se imóvel, se não é devido a que esteja mal seguro ou que o fio desaproveitado vem tocar a parte deste em suspensão, ou que ainda dependa da posição defeituosa do operador, pode-se atribuir a imobilidade ao "fading" ou também a alguma perturbação telúrica ou eletro-magnética, conforme o estado do tempo por demais carregado de electricidade. ⁽¹⁾

E' bom, e, em certos casos, dá resultado eficiente, levantar o braço esquerdo no ar, a mão armada de uma ponta metálica ou de uma lapiseira durante alguns segundos. Se não se produz nenhuma modificação, é preferível deixar por alguns minutos, ou mesmo por algumas horas a experiência.

O "fading" dura geralmente muito pouco. Mas se manifesta sobretudo, nas buscas hidrológicas, geológicas e mineralógicas. Nestas últimas, quando se trata da busca de ouro ou outro metal, aparecem frequentemente "imagens magnéticas". Muitos enganos podem dar-se, quanto aos estudos dos ramos que acabamos de mencionar, devido às tais imagens que iludem em relação à posição exata, real do corpo buscado.

(1) Ver a pág. 30 e 39, o que foi dito a respeito do "fading" e da imobilidade.

Esses estudos, porém, escapam à indole do presente trabalho e a êle nos referimos incidentalmente.

Resumindo, diremos — o que aliás é fácil de notar-se — que, às vêzes, os movimentos do pêndulo se manifestam francamente caprichosos, posto que não o sejam na realidade. Essas manifestações aparentemente desordenadas do pêndulo, devem atribuir-se antes, ao estado de espírito do operador ou a alguma falta que lhe passa despercebida. Podem também ter origem no gráu de sua sensibilidade, momentaneamente modificada por qualquer excesso ou diminuição do fluido nervoso, caso êsse accidental ou puramente transitório, ou ainda, por padecer qualquer afecção mórbida.

Com paciência e perseverança voltar-se-á, horas depois, a repetir a experiência e comprovar-se-á que, resultados melhores e satisfatórios conseguem-se com o espírito mais calmo e despreocupado das coisas alheias ao seu trabalho.

As vêzes, por motivos especiais, dá-se o caso que, em presença de um fato indubitável, qual o de se saber que tal objeto ou secreção provém de um determinado doente, o pêndulo, após algumas oscilações, em vez de girar negativamente, manifesta-se em sentido contrário. Esses movimentos anômalos, não raro, podem perturbar o espírito do operador. Em tais casos o operador cõscio de que não se acha em falta e sabedor dos casos que dão margem aos erros possíveis indicados no Capítulo V, deve deduzir, dêssa aparente anomalia, que os giros positivos indicam "**uma cifra de série**", quer em relação ao objeto ou matéria em estudo ou experiência, quer, às vêzes, em relação a qualquer afecção particular do doente ou da própria especie humana, no caso de aplicação direta sôbre o próprio paciente.

Essas primeiras manifestações pendulárias não devem ser tomadas em linha de conta. Continuando, com o pêndulo suspenso, prosseguir-se-á na experiência, observando-se, logo a seguir, que as evoluções do instrumento tendem a modificar-se. Após os últimos giros "positivos" o pêndulo volta a oscilar com nova orientação; empreende giros "negativos" com tamanha atividade, às vezes, como quando se reconhece ter elaborado em êrro.

Êrro decerto não houve. A explicação supra é a boa, mas, não se conhecendo as "cifras de série", considerar-se-ão aqueles primeiros movimentos sem valor para o caso, e cuja importância, pelo que nos ocupa, é que não merecem maior atenção.

Contudo, é preciso notar, e advertir ao operador que nunca se deverá tirar conclusão das primeiras manifestações do instrumento, mas apenas, no que se refere ao escopo que temos em vista no presente trabalho, e considerá-la como um... prelúdio às verdadeiras revelações que a seguir se manifestarão.

Não queremos em absoluto dizer que esses primeiros movimentos do pêndulo são desprovidos de interesse, de toda e qualquer significação. Não. Mas que, nos casos concretos que tem o operador diante de si e que se referem à pesquisa e seleção de medicamentos adequados à cura de enfermidades, pode dispensar-se a interpretação desses primeiros movimentos e aguardar com calma os que, logo depois, hão de manifestar-se, respondendo às buscas e pesquisas que mais o interessam e que são a razão de seus estudos e de suas experiências.

Não podemos deixar de recomendar, mesmo que não se apresente de início, caso duvidoso, como o que citámos, que é sempre conveniente prosseguir na experiência, ou renová-la após ter obtido os primeiros

resultados; tal comprovação nunca será demais ou supérflua.

E' recomendado dar uma pequena sacudida ao pêndulo, após a terminação de uma série de movimentos giratórios ou oscilatórios, sacudida que tem por efeito a transformação dos movimentos do instrumento.

CAPÍTULO X

Extensão do emprêgo do pêndulo e dos métodos radiestésicos ao tratamento das doenças dos animais domésticos

E' oportuno e de grande utilidade, mórmente para os habitantes do interior, sítios, fazendas etc., onde escasseam os recursos científicos, dar alguns esclarecimentos quanto à aplicação do pêndulo para a seleção dos remédios adequados ao tratamento das molestias que atacam os animais domésticos — parte esta que diz respeito à veterinária.

A escolha dos remédios para a cura de qualquer doença que afete os animais, obedece às mesmas normas à que se procede para a seleção aplicável à doença humana.

De início, observámos que seja qual fôr o remédio caseiro, homeopático ou alopático, o pêndulo indicará com precisão se é aplicável ou não ao caso, isto é, se bom ou não. (Para o tratamento das doenças dos animais, há remédios homeopáticos e alopáticos especiais e até específicos).

Nos casos de verminose, o pêndulo denuncia a espécie de vermes contanto que o operador tenha à mão, amostra-testemunha da mesma espécie. Pode ainda valer-se do método das fichas. (Ver Capítulo VII).

A radiestesia indica a doença de que sofre qualquer animal mercê da aplicação do pêndulo a uma distância de 10, 15, ou 20 cm. do seu corpo, conservando o dedo índice da mão esquerda em antena a 2 ou 3 cm. da sua pele ou mesmo roçando-a levemente. Quando a ponta do dedo antena chegar ao ponto, sob o qual se acha o órgão doente, o pêndulo, até então parado, entra em movimento descrevendo giros negativos que provam a moléstia e, de acôrdo com a região do corpo, em que se verifica o fenômeno, fácil será constatar qual seja o órgão afetado. Se desde o início da aplicação do pêndulo este já se movimentava em oscilações e giros positivos, que a seguir se transformaram em giros negativos que confirmam o estado mórbido do animal, deve-se observar que no sítio onde se operou a transformação dos movimentos pendulares, é que se acha o órgão doente.

Pesquisando o ponto exato da afecção do animal, procede-se logo à escolha dos respectivos medicamentos, operando da mesma maneira como foi dito em capítulo anterior, para a escolha dos remédios aplicáveis ao homem, tomando sempre em consideração o órgão assinalado pelo pêndulo.

Trata-se, como se vê, de uma operação de diagnóstico radiestésico humano, seguida da escolha dos remédios, amplamente descrita no Capítulo VI desta obra e cuja prática é também perfeitamente aplicável aos animais domésticos.

DOS OVOS

Reconhecimento do sexo dos seus germen

Parêce-nos conveniente e de grande utilidade também, inserir neste capítulo um pequeno resumo de instruções e conhecimentos relativos à prospeção dos ovos por meio do pêndulo.

No exame dos ovos, o pêndulo permitirá distinguir os ovos estéreis e infecundos dos que servem para a incubação, assim como indicará também se o seu germen é vivo ou morto e qual o seu estado de decomposição, mais ou menos adiantado.

O prof. Bosset recomenda para essas investigações o emprêgo de dois pêndulos, um preto e outro branco, aquele para a prospeção dos germen masculinos, êste para a determinação dos germen femininos. Observamos também que as cores vermelha e verde dariam os mesmos resultados que o pêndulo preto. As cores preta, vermelha e verde são chamadas paramagnéticas, ao passo que as cores branca, azul e amarela são ditas diamagnéticas prestando-se para a determinação dos germen femininos.

Na falta de um pêndulo branco para o fim do exame dos ovos, pode-se colocar o pêndulo preto num invólucro ou saquinho branco.

Se o ovo submetido a exame não faz girar nenhum dos dois pêndulos é porque é estéril, isto é, não fecundado ou morto.

No caso de não se ter à mão senão o pêndulo preto, recomenda-se fazer uma aspiração profunda a fim de imprimir-lhe novo giro. O giro negativo ou a imobilidade do pêndulo, quer branco, quer preto, é sempre índice de que o germen do ovo não é viável. Os giros serão positivos com os dois pêndulos, o preto indicando os germens ou seres masculinos e o branco os femininos. Na pesquisa dos germens femininos os giros podem também ser negativos. (E' mister levar em consideração a polaridade do radiestesista operador).

Segundo o Fr. Padey a influência vertical de um ovo macho é negativa e a de um ovo fêmea é positiva. Ademais, faz notar também que a trinta metros ao Norte de um ovo se produz um quadrado negativo para o germen macho e positivo para o germen fêmea. O ovo macho produz (11) vibrações, ao passo que o ovo fêmea dá apenas dez (10).

Para nós, quer branco, quer preto, o pêndulo dá giros positivos sobre ovo com germen macho vivo, e negativos se é fêmea. A imobilidade indica que o germen é morto.

Uma pena de ovíparo encontrada em qualquer lugar indicará se pertence a um macho ou a uma fêmea. A pena de macho dá giros positivos e a de fêmea negativas.

Não nos estenderemos além dos dados acima, mais que suficientes, a nosso ver, para facilitar a possibilidade de prospetar os ovos fecundados e seleccionar dentre os mesmos os de sexo feminino, destinados à incubação.

NOTA — O que se pode obter com o pêndulo no domínio das pesquisas em diversos ramos da atividade.

de humana, é de um interesse que não precisamos encarecer.

Os diversos processos de sua aplicação são sempre os mesmos descritos acima, quer se trate de animais, de vegetais e mesmo de outros corpos orgânicos ou não. Quanto ao seu alcance cada um consultará os próprios interesses.

No que concerne aos assuntos agrícolas e agrônômicos, de relevante importância sobretudo para os lavradores, os serviços do pêndulo são inestimáveis e muito mais vastos.

Aí ficam, os principais conhecimentos do uso do pêndulo um tanto resumidos, mas suficientes para serem aplicados de acordo com as necessidades de cada um.

Nas experiências com ovos, recomenda-se operar só com aqueles cuja casca fôr bem limpinha; qualquer sujeira pode alterar os movimentos do pêndulo, agindo com parasita. Convém dispor cada ovo em cima de um papel branco, dirigindo a ponta mais fina ao Norte magnético. Examinando a fio, certo número de ovos, deve-se mudar, a cada um, a folha de papel para evitar a impregnação e as consequências das remanescências. Tornamos a repisar o que foi dito acima quanto ao processo do Prof. Bosset, e que vale também para nós: "A imobilidade do pêndulo indica a não fecundação do ovo, ou que o seu germen é morto e inutilizado."

Aplicação dos métodos radiestésicos às questões agrícolas e agronômicas. — Verificação da qualidade das terras — Sua análise — Exame das plantas e sementes e escolha do terreno adequado à sua germinação e desenvolvimento

A verificação da qualidade das terras deve ser feita mediante amostras com as quais o operador fará comparações e determinará sua composição.

A análise é rápida. Conhecida esta, fácil será dar à terra examinada os elementos que lhe faltam ou que possui em proporção insuficiente.

ANÁLISE DAS TERRAS

Procede-se a esta do modo seguinte:

Para o exame qualitativo, o operador deverá possuir uma amostra de terra vegetal, encerrando os quatro elementos de sua constituição: Areia, argila, cal e humo. E também uma amostra em separado dos mesmos.

Numa mesa põe-se a 50 cm. um de outro determinando uma linha, norteadada na direção do meridiano magnético, de um lado a amostra da terra compos-

ta dos seus 4 elementos e do outro, a terra a examinar. Suspende-se o pêndulo entre as amostras. O instrumento movimentar-se-á oscilando e aos poucos ou em seguida, mudará suas oscilações em giros.

Se elas são positivas, a terra examinada contém os mesmos elementos que a amostra; se negativas, é porque a terra examinada é privada de um ou mais de seus elementos constitutivos.

Nesse caso, ajunta-se a essa terra, um após outro, um dos elementos, que se tem como amostra em separado: quer cal ou argila, quer areia ou humo. Suspende-se novamente o pêndulo — sempre entre as amostras. A amostra que, das quatro restabelece as giros negativas em positivas, será a que falta à terra examinada para ser uma terra vegetal completa. E' certo que, no primeiro exame, a terra ensaiada pode dar giros positivos que a tornam igual à amostra.

Essa rápida análise nos indica o elemento que falta à terra examinada, porém ainda ficamos na ignorância da proporção em que cada elemento entra na sua composição.

E' então preciso proceder à análise quantitativa. Essa se faz também com o pêndulo, em que age nessa operação o acordo mental do operador que, tomando na mão esquerda uma das amostras em separado, testemunha muito eficiente, vai suspendendo o pêndulo a pouca distância — 8 ou 10 cm. da terra a analisar dirigindo para ela o dedo índice em antena, e perguntando mentalmente qual a porcentagem do elemento que constitui o da testemunha que tem na mão esquerda.

O pêndulo oscila então e número de oscilações que dá constitui a resposta. E' preciso que os principiantes repitam a miúdo esse exercício para não cometer erros na contagem. As oscilações seguem-

se giros geralmente positivos, cuja contagem dará igual número. As oscilações são, às vezes, seguidas por uma parada ou por giros negativos. À passagem de giros negativos a positivos ou inversalmente, marcam o fim da contagem. A prova do êxito da operação está no total da adição, que deve ser sempre 100 quanto às porcentagens dos quatro elementos. Nas contagens que deverão ser repetidas 3, 4 ou 5 vezes, toma-se a média. Assim procede-se para cada um dos elementos. Essa recomendação é especial para os principiantes.

Para o lavrador é de suma importância saber se uma dada terra convém ou não ao cultivo e à vegetação de certas plantas ou sementes.

Procede-se da seguinte maneira:

Toma-se um punhado de terra e coloca-se a 20 ou 30 cm. de algumas sementes ou plantas que se pretende cultivar. Aplicando o pêndulo entre esses dois elementos, se o aparelho gira em sentido positivo, a terra convém à planta ou às sementes. Se o pêndulo dá giros negativos, ou se mantém parado e completamente imóvel, não existe acôrdo; a terra não convém à planta ou às sementes, ou reciprocamente, sementes ou plantas à terra.

Nesse caso seria de tôda a conveniência saber de onde provém o desacordo, se da terra, se das sementes ou plantas. Para essa constatação observam-se primeiro as vibrações da terra, quer em oscilações ou giros, conservando a mão esquerda sempre à guisa de antena, suspende-se o instrumento acima e se esse entra em oscilações ou giros cada vez mais accentuados e mais amplos, é que a terra convém às sementes. Se os movimentos pendulares continuam porém em sentido decrescente, é que a terra, máu grado ser boa, é um tanto deficiente para o que se pretende

cultivar. Se, ao contrário os movimentos do pêndulo se manifestam negativamente (giros negativos), há desacordo e antipatia entre ambos e, portanto, é desaconselhável confiar as plantas ou sementes a essa terra.

•

**Da escolha do adubo conforme a qualidade
das terras e das plantas ou sementes —
Relações de reciprocidade entre o adubo e
as plantas e sementes**

E' elementar que para o efeito de fertilizar a terra precisamos saber qual o adubo que mais lhe convém. Essa verificação processa-se da mesma maneira, por que foi descrita no capítulo anterior em relação às sementes e à terra. Tomam-se um punhado de terra e um de adubo que se colocam à mesma distância de 20 a 30 cm. um do outro.

Se houver acôrdo entre ambos, o pêndulo acusará as respectivas vibrações com seus giros positivos ou negativos — conforme a polaridade do operador provando assim a sintonização das amostras estudadas e a conveniência do adubo. A polaridade normal produz sempre giros positivos aprobatórios. A mesma experiência pode-se fazer a seguir, entre o adubo e as sementes ou plantas; se os movimentos se manifestam positivamente, é indício de que o adubo convém às plantas e sementes para que foi submetido a exame. Pode-se também fazer experiências com um pouco de terra já adubada e o adubo a estudar, para verificar se condiz com as plantas a cultivar. — Como de costume, os giros positivos afirmarão sua excelência.

Como se vê, são experiências facilímas, sem a menor complicação e ao alcance de qualquer lavrador.

O adubo, como se sabe, é o remédio indicado para cuidar da deficiência das terras doentes e enfraquecidas; é o agente propulsor da sua reconstituição e da sua fertilidade.

O seu emprêgo, deve ser cuidadosamente estudado, porquanto não é qualquer adubo empregado indiferentemente que pode proporcionar a essas terras o seu vigor primitivo.

Se para o homem doente não é qualquer remédio que lhe restitui a saúde, fazendo-se mister seleccionar o mais eficaz para o seu caso, também para a terra é necessário escolher o adubo que mais se coaduna com o seu estado. Os processos a empregar são sempre os mesmos que os descritos nos capítulos precedentes.

Das plantas mais indicadas para serem plantadas ao redor das habitações

Em geral tôdas as hortaliças são incontestavelmente as mais fáceis de seleccionar conservando-as levemente distanciadas das moradias.

Próximo às residências geralmente plantam-se vegetais de embelezamento para agradar à vista ou para gozarmos as delicias dos seus aromas.

E' uma variante interessante da radiestesia conhecer as cifras de séries das hortaliças, pois entre elas há as radio-ativas cujo consumo em maior escala é um benefício para a saúde. Em relação aos arbustos de ornamentação o critério que deve presidir a sua escolha é o das que oferecem perfeita sintonização com os moradores das habitações.

Ocioso seria afirmar que essa escolha é muito importante para o bem estar da gente porque há plantas em desacordo com aquele princípio e se não se pode afirmar com certeza a sua nocividade, é de elementar prudência afastá-las.

Para a escolha de uma plantaçào a formar-se emprega-se o pêndulo da mesma maneira como se procede para a escolha de um remédio para qualquer doente, dando-se preferência às plantas que estão mais de acôrdo com os moradores da casa.

Entre uma planta qualquer, arbusto ou árvore, e uma pessoa da casa, o pêndulo denunciará se as vibrações de ambas são concordes, isto é, se entre elas existe "a ressonância" sintonizando em giros positivos.

Passando de uma planta à outra, sempre com o dedo esquerdo em antena, vão se notando tôdas as plantas cujas radiações produzem giros positivos e, pois, se constará que as mesmas devem ser as preferidas para adorno ou arborização das residências por estarem de acôrdo com a pessoa que as experimenta.

Tal experiência deverá ser repetida com cada pessoa da casa. O operador aplicando o pêndulo em meio das árvores com as pessoas colocadas a uns 50 cms. das mesmas, verificará facilmente a sua boa ou má influência.

Aproveitamos o ensejo para referir também que o pêndulo nos dá a conhecer e distinguir se uma planta é ou não venenosa e até que ponto pode oferecer perigo para a saúde, pois se o pêndulo é de grande utilidade para a escolha dos remédios de que precisamos, também indica o grau de nocividade que podemos suportar sem perigo. As pessoas para quem se fazem as experiências das plantas devem conservar na mão algo das mesmas, como folhas, flores, casca etc. e o operador suspende o pêndulo acima delas. Se a planta é inócua, o pêndulo descreve giros positivos. No caso de toxicidade os giros serão negativos. Aumentando-se na da mão da pessoa para quem se faz o ensaio, maior quantidade da planta até que o pêndulo gire negativamente, ter-se-á então o máximo da dose a empregar como ponto de partida da sua nocividade, se se tratar de infusão ou decocção para remédio.

Quanto à busca numa floresta de determinadas essências, o radiestesista, munido do seu pêndulo e

de uma amostra da planta na mão esquerda, ou n'um pêndulo ôco, será levado pelas oscilações do aparelho em direção da planta que procura. Numa exploração florestal o emprego do pêndulo facilitará a prospeção e a descoberta das essências procuradas sem grande desperdício de tempo. E' indispensável, porém, que leve consigo uma amostra de madeira, lasca, ramo ou uma folha, quanto mais fresca possível, da essência que deseja.

CAPÍTULO XV

Enfermidades dos vegetais

Nas enfermidades dos vegetais trata-se somente de reconhecer e de fazer a distinção entre os vegetais (árvores) que são doentes e que sofrem de defeitos invisíveis que diminuem o seu valor intrínseco e comercial como madeira. Não se trata de sua cura, mas, apenas, de discriminar numa floresta as árvores atacadas por doenças, e determinar a extensão do prejuízo causado pelos efeitos das mesmas. O pêndulo mui rapidamente permite fazer a escolha das árvores, apartando as sadias das doentes, facilitando o mais depressa possível a descoberta das essências exploradas.

A utilidade dessas buscas ou diagnósticos é de tanto maior interesse quanto é certo tratar-se da exploração em regra de uma zona florestal.

O pêndulo seleciona sem erro possível as árvores sãs e indica as que estão carcomidas ou podres, atacadas por insetos ou que estão com cavidades, assinalando até o tamanho dos defeitos que muito desvalorizam as madeiras, procedendo como para delimitar uma lesão no corpo humano.

O pêndulo como se vê, com o seu emprêgo, desempenha um papel importante numa exploração florestal: faz ganhar tempo e economizar muitas despe-

zas evitando trabalhos inúteis sobretudo quando se exploram essências de preço elevado. Eis o processo: para a escolha dos madeiros. Suspende-se o pêndulo a certa altura do tronco que se quer examinar mantendo o dedo da mão esquerda em antena a 1 ou 2 centímetros do tronco, ou mesmo tocando-o. Se o instrumento entra em movimento dando giros positivos, por exemplo, o operador gira devagar ao redor da árvore e vai repetindo essa operação em diferentes alturas do tronco. Quando o dedo da antena passa pela frente de uma parte atrás da qual se acha qualquer defeito, os giros positivos transformam-se logo em negativos indicando que existe ali uma parte deteriorada que o pêndulo pode discriminar em superfície e profundidade.

RADIAÇÕES NOCIVAS

Casas do Câncer

A fim de completar os dados expostos no que diz respeito aos cuidados reclamados pela saúde das pessoas, a qual depende intimamente da higiene das habitações e também de uma alimentação sadia, torna-se indispensável completar a descrição dos meios empregados na pesquisa e seleção dos remédios contra certas doenças refratárias a quaisquer recursos da terapêutica, ajuntar também as causas dessas enfermidades rebeldes na higiene das habitações.

Essas enfermidades contra as quais qualquer medicação parece ineficaz, são devidas em grande parte às condições anti-higienicas das casas de moradia, ou das oficinas e fábricas onde os pacientes são obrigados, de dia ou de noite, a passar longas horas dormindo ou em plena atividade. As radiações telúricas nocivas de certos sub-solos são devidas a que a certa profundidade do terreno se encontram falhas ou betas, sêcas ou úmidas, cursos de águas subterrâneas, pequenos ou grandes, cavidades, galerias, lençóis de água, não raro estagnadas, das quais se desprendem **emanações nocivas** que afetam diretamente as pessoas que as recebem durante horas e horas seguidas,

quer à noite, quando repousam, quer nos seus escritórios ou oficinas localizadas por cima dêsses focos de infecção. Os incomodos de que vem a sofrer essas pessoas por efeito de tais radiações apresentam sintomas, cuja diversidade torna difícil a descoberta das causas da doença e portanto o seu tratamento terapêutico. As casas em que se verificam esses fenômenos são geralmente edificadas em terrenos insalubres e são conhecidas sob a denominação de Casas do Câncer porque é precisamente esta insidiosa moléstia a que, mais frequentemente, se manifesta em tais habitações. Outras enfermidades de menor importância podem ser constatadas nessas casas, mas a principal é o Câncer e tem-se notado que muitos pacientes afetados de certas moléstias recuperam a saúde mudando de residência, de quarto, ou simplesmente a posição da cama após a descoberta, pela radiestesia, da existência de emanações perniciosas provenientes do sub-solo. A observação desta particularidade foi uma verdadeira revelação.

Nas cidades, mais do que no interior, sítios, fazendas etc. foram notados e estudados numerosos casos semelhantes, e o que é particularmente digno de nota, é que quase todos os seus moradores, faleceram em consequência do Câncer. E' que, as camas se achavam precisamente a prumo sôbre o foco de infecção e as vítimas durante 7 ou 8 horas de sono, recebiam as radiações maléficas que provinham das betas e cavidades do sub-solo.

Coube à radiestesia a descoberta de semelhante particularidade, aconselhando aos moradores das Casas do Câncer a que mudassem de casa ou transferissem a cama do doente para outro lugar.

Doentes que a medicina não conseguiu aliviar dos seus padecimentos conseguiram a cura completa com a mudança, pura e simples, da cama para outro lugar.

A radiestesia, como ficou dito, descobriu o remédio para certas doenças provenientes das emanções do sub-solo de muitas residências, mas uma vez declarado o tumor maligno de caráter canceroso, a mudança poderá atenuar um pouco os sofrimentos do paciente mas nunca será bastante para conseguir a cura, devendo-se em tal caso, recorrer a um tratamento especial ou a uma intervenção cirúrgica.

Quando, nessas casas, se manifestam doenças ou simples incômodos rebeldes e refratários a quaisquer remédios, é de tóda a conveniência chamar um especialista em radiestesia, afim de proceder ao exame do respectivo sub-solo.

Preliminarmente, o doente deve mudar a cama para outro quarto ou a mesa de trabalho que é obrigado a ocupar durante varias horas do dia. Feito isso, se os sintomas vão desaparecendo paulatinamente e o paciente recobra a saúde, é sinal evidente de que no sub-solo existe um foco de radiações prejudiciais.

Nos sertões longinquos onde as casas não passam de ranchos de construção tosca e econômica, não é difícil construir outras em lugares afastados dos pontos de infecção.

Em se tratando da construção de casas de valor com o material exigido para as residências modernas, antes de lançar mãos à obra, é aconselhável mandar proceder primeiramente ao exame do terreno e do seu sub-solo.

Estando às casas já construídas, se o seu sub-solo é foco de emanções perniciosas, há o remédio do emprego dos **Neutralizadores** que, como a palavra o indica, neutralizam a nocividade proveniente dessas fontes ou as desviam do lugar.

Esses Neutralizadores que consistem em discos de papelão ou cartolina de côr preta, do diametro míni-

mo de 10 cms., dispõem-se a distância de um metro uns dos outros e são os mais singelos. Pode-se usar também o neutralizador chamado "**Sinete de salomão**". (Vide nosso "Manual Teórico-Prático de Radies-tesia") e mais eficazes são os que se constroem espe-cialmente para essa finalidade tais como: o "**Aspiron-de**" do padre Mermet e o "**Radiocampimetro**" do eng. agrícola Larvaron, etc.

Este último aparelho tem a vantagem de permi-tir o estudo da natureza das diversas radiações dos corpos como a de facilitar varias operações no ter-reno.

Reconhece-se a presença de uma beta, cavidade ou galeria subterrânea quando por meio do pêndulo, este assinala a cifra da série 6 descrevendo giros ne-gativos.

Se o operador se acha acima de uma corrente de água ou de uma beta no fundo da qual corre um fi-lete, o pêndulo gira positivamente dando a cifra que corresponde à água, isto é, sete (7).

As vêzes trata-se de águas impregnadas das ra-diações de metais como sejam mercúrio, arsenico, chumbo, ou de seus sais, ou de minérios dos mes-mos metais que lhe estão próximos.

Outras vêzes, nas betas humidas e nas cavida-des existem águas estagnadas, cujas emanções são muito prejudiciais para quem as recebe diretamente.

Seja qual fôr a profundidade em que se achem colocadas, as suas emanções vêm à tona com todo o seu cortejo de nocividades para a saúde do homem. O seu poder de penetração é tal que pode invadir e atravessar qualquer "**arranha-céu**", por mais andares que o mesmo tenha.

Tais ondas ou radiações sobem e elevam-se a prumo, agem em todos os compartimentos e camadas

superpostas, e se perdem finalmente, na atmosfera a alturas desconhecidas.

De qualquer modo a aplicação do pêndulo descobre e assinala essas falhas, betas, cavidades, lençóis de água subterrâneos, seja qual fôr o acidente do subsolo que emite essas ondas nocivas.

Para o tratamento do câncer o Dr. G. Lakowsky inventou cintas e colares oscilantes de extremo e seguro poder curativo.

Aludimos acima às características dos acidentes que se observam na constituição dos sub-solos, cifras de séries e sentido dos giros pendulares.

O processo para reconhecê-las é o seguinte:

Usam-se pêndulos constituídos:

1.º — de um frasquinho vazio, tampado com rolha de côrcho;

2.º — de um frasquinho vazio, tampado com vidro esmerilhado;

3.º — em caso de se estar em presença de cavidade com vácuo absoluto, usa-se uma ampola elétrica desprovida de sua armação metálica;

4.º — no caso de uma corrente de água o pêndulo deve ser constituído por um frasquinho de água.

O pêndulo com rolha de côrcho, assinalará uma cavidade, beta ou outra qualquer falha em comunicação com o ar exterior.

O pêndulo com tampa de vidro esmerilhado indicará uma cavidade ou galeria estanque.

O pêndulo de ampola elétrica dará a conhecer uma cavidade ou galeria cujo vácuo é absoluto.

O pêndulo de frasquinho de água localizará uma corrente, lençol de água bem como uma beta úmida.

Os giros serão positivos e o pêndulo específico baterá a cifra de série da água.

Repetimos mais uma vez que a cifra de série das cavidades e galerias subterrâneas é seis (6), e as gi-rações negativas.

Para maiores detalhes sôbre prospeção do sub-solo, como sejam; poços, esconderijos, tesouros escondidos etc., o leitor poderá consultar o "Manual Teó-rico-Prático", do mesmo autor.

Concluiremos êste capítulo citando um caso que nos permitiu estudar uma curiosa particularidade que se nos apresentou, constando de uma torrente d'água subterrânea passando debaixo de uma casa cujos mo-radores padeciam de insônia.

Um amigo meu tinha mudado de casa, e passa-dos alguns dias, contou-me que o seu sono no quarto que acupava, era, muitas vêzes, no correr da noite, interrompido e que ficava acordado durante muito tempo antes de tornar a conciliar o sono.

Um radiestesista chamado inspecionou e decla-rou que em tôda a sua largura, desde os fundos até a frente corria no sub-solo uma corrente de água. Nos outros quartos ocupados por outros membros da fa-mília o mesmo fenômeno se dava. Varias vêzes, no correr da noite, os ocupantes acordavam, sofrendo de-mora antes de adormecer de novo.

Perguntei-lhe se esse radiestesista lhe tinha indi-cado um meio para neutralizar aquelas radiações per-turbadoras. Respondeu-me que não, e que mesmo lhe dissera que não existia nada para contrariar ou neu-tralizar os efeitos nocivos de tais emanações.

Aconselhei-lhe então de dispor de cada lado e à cabeça e aos pés de sua cama discos de papel preto, e até para esse fim lhe proporcionei quantidade bas-tante desse papel e em folhas grandes e de diversos tamanhos.

Passados uns oito ou dez dias, perguntei-lhe se tinha experimentado o papel preto como lhe indica-

ra. Sua resposta foi afirmativa; mas, me dissera que nenhum proveito tinha conseguido.

Extranhei que o meu conselho tivesse ficado sem efeito. Então explicou-me: "Até, para maior êxito, coloquei todo o papel debaixo de minha cama, cobrindo um espaço um pouco maior do da projeção do meu corpo no soalho, e assim mesmo nada produziu."

Após ter refletido alguns segundos, apenas lhe fiz observar que se devia ter cingido a fazer como lhe tinha indicado, isto é, colocar um disco à cabeça, outro ao pé da cama, e mais um de cada lado, e isso ao máximo.

Mas, disse-me, acreditei que atapetando o soalho debaixo de minha cama que o efeito do papel seria mais seguro para impedir a passagem das emanações do sub-solo.

*
* *

Anteriormente, tinha notado na minha própria casa que existia uma espécie de canalização que atravessava um quarto, no andar terreo, destinado a escritório. Essa canalização subterrânea seca geralmente mas com água nos dias chuvosos, media uns 35 centímetros de largura.

Foi descoberta casualmente e assinalada com o pêndulo que dá em cima gições negativas. Um disco de papel preto, colocado a uns 15 ou 20 centímetros de uma das beiradas, restabelece as gições negativas em positivas até uns 2 metros de cada lado à direita e à esquerda. O neutralizador poderia ser colocado sobre a canalização mesma, fonte das radiações.

Informado por este meu amigo do que fica descrito acima, experimentei com o pêndulo, sobre aquela canalização, cobrindo-a com folhas de papel preto

num comprimento de mais de 1 m. 30cm. não deixando soluções de continuidade entre as folhas de papel. O pêndulo deu em todo êsse comprimento, como no prolongamento à cada extremidade, gições negativas, absolutamente como se não houvesse nenhum papel preto colocado no chão. Retirando-o e não deixando que uma só folha à pequena distância tornei a constatar o verdadeiro e real efeito neutralizante do papel; o pêndulo dava então a mais de 1 m. 50 cm. de cada lado do neutralizador, gições positivas. O que vinha provar o real poder neutralizador do papel preto que aliás é conhecidíssimo

Em presença desse fenômeno, puzemos à contribuição nossa fraca inteligência e julgámos que a sua explicação é a seguinte:

O pêndulo suspenso acima do papel preto recebe as emanções que se escapam da côr mesma do próprio papel; e já temos constatado e sabemos que acima da côr preta o pêndulo gira negativamente. Pois as radiações negativas do sub-solo não sofrem alteração nenhuma.

Posteriormente a essas experiências, meu amigo que continuava colocando o papel como de início lhe indicara, gozava de um sono mais tranquilo e quase ininterrupto. O mesmo bem estar beneficia os ocupantes dos demais quartos.

CAPÍTULO XVII

V e r m i n o s e

Dentre as doenças que mais grassam no Brasil, e mais particularmente em tôdas as campanhas, pode-se apontar, em primeiro lugar, a "verminose". Descobrir a sua existência nos pacientes, ou nêles a causa de seus incômodos, é às vêzes, coisa assás fácil, porém, às vêzes também não deixam de aparecer dificuldades quando se trata de receitar os remédios e de applicá-los.

Nem sempre se apresenta a possibilidade de consultar um médico, nem tampouco, ter à proximidade uma botica para a compra dos medicamentos.

Bem sabemos que no interior do Brasil, as povoações recorrem geralmente aos remédios caseiros, isto é, ao emprego das plantas medicinais; quando, às mais das vêzes, não apelam à prática de um curandeiro ou também a um homeopata filantropo (alguns existem) cuja ciência médica não vai além de alguma prática, e não se aproxima nem de perto ao seu real desejo e boa vontade de servir e de curar o seu próximo, desinteressadamente às vêzes, salvo quando o esculápio tira dessa profissão seus meios de existência. Não há negar, que em tais lugares esses médicos-curandeiros prestam serviços muito apreciados pelas pessoas que soem ocupá-los.

Desde já e a seguir, vamos expor o método das fichas e seu emprêgo aplicado à verminose que faremos intervir concorrentemente, com o emprego das amostras-testemunhas, processos que se controlam, e se comprovam reciprocamente.

Portanto, para a defesa própria do homem e a de suas criações das graves consequências que traz a verminose, tornar-se-ia, em tais condições, quase impossível, não de se curar — porque tem-se sempre à mão os remédios caseiros e outros das boticas quando próximas encontram-se estas — mas de determinar a espécie de vermes que, pelo seu conhecimento é uma ajuda preciosa para a melhor escolha do remédio.

O nosso novo método de fichas elimina tôdas aquelas dificuldades, e ainda, o pêndulo vem, ao mesmo tempo, prestar serviços excepcionais e providenciais, pelas revelações que faz.

Assim mesmo, o criador-operador teria ainda diante de si, um obstáculo assaz difícil de vencer: ignorar-se os nomes próprios das variadas e numerosas espécies de vermes parasitas dos intestinos, quer da fauna intestinal humana, quer da dos animais domésticos e das criações em geral. Listas desses parasitas deveriam ser publicadas indicando os nomes dos que afetam mais particularmente o homem e as diferentes espécies de criações. Por êsse meio, cada criador poderia estabelecer fichas para o seu uso próprio.

A aplicação do pêndulo radiestésico para a cura da verminose nos animais domésticos e os de criação, é a mesma que a descrita para os humanos, nos casos das diversas afecções mórbidas que os atacam.

Valer-se-á, pois, sempre dos mesmos processos.

A prática da radiestesia que permite à cada chefe de família de cuidar da saúde dos seus, estende o seu raio de ação à VERMINOSE. O pêndulo dá os

meios de descobrir a causa dos incômodos e das dores provenientes da atividade dos vermes parasitas do corpo humano e também dos que infestam as diversas criações.

Ainda mais, o pêndulo descobre a espécie dos vermes, e desse fato, favorece altamente a escolha mais acertada do remédio mais eficaz para matar ou expeli-los.

Dada a considerável importância que chegou ocupar a verminose no estado da saúde em tôda a classe dos trabalhadores agrícolas, muito a miúdo privada de remédios e de médicos, achamos interessante, a par dos precisosos serviços que pode trazer à saúde de tanta gente que padece dessa infecção, de acrescentar nossa obrinha de mais um capítulo especialmente para tratar da aplicação da radiestesia à cura dessa praga que constitui um verdadeiro flagelo, ou quando menos concorrer para minorar os seus males, tanto físicos como morais.

Em nosso "**Manual Teórico-Prático de Radiestesia**", já tratamos da verminose, e dele extraímos, algo resumido, o mais essencial que desejamos pôr ao alcance dos radiestesistas-amadores, mas sobretudo dos chefes de família. Desejamos que todos possam com a maior facilidade e confiança em si, usar para o seu proveito ou o dos seus, dos métodos que ensinamos, quer para a descoberta das espécies dos vermes, quer pela escolha dos melhores remédios dentre os mais acertados e adequados (conforme a espécie dos vermes), para a cura dos doentes. Aos leitores de nossa obrinha, "**A RADIESTESIA NO LAR**", recomendamos o nosso "**Manual Teórico-Prático de Radiestesia**", em que acharão, mais extenso tudo quanto se refere à verminose, mas também à aplicação da radiestesia, fóra da medicina, amplamente detalhada, a muitos outros ramos científicos, cujos conhecimen-

tos são indiscutivelmente necessários senão indispensáveis a todos os moradores das campanhas.

Trataremos da verminose de um ponto de vista geral, isto é, da verminose do homem e a dos animais domésticos e da criação, à qual podem ser aplicados os diversos capítulos da presente obra e aos quais referir-se-á o leitor.

*
*
*

Os cuidados a dar e a tomar são simples, porém é preciso, antes de tudo, saber reconhecer dentre os animais criados (isso não toca à verminose do homem), quer nos grandes quer nos pequenos, e até na criação avícola, quando existem vítimas, os que são parasitados, e qual a espécie desses parasitas, com o fim de aplicar o remédio mais acertado para a cura.

Reconhece-se a presença dos parasitas e de sua espécie da mesma maneira que se reconhece que um animal qualquer padece de alguma doença. Tudo quanto tem-se dito e exposto para descobrir no homem doente o órgão afetado de morbidez, mesmo quando está, a causa principal é devida à verminose. Sempre, o modo de operar pratica-se segundo os mesmos métodos e conforme as mesmas regras. Não temos, pois, que deter-nos em expô-los de novo. O leitor achá-los-á nos capítulos anteriores, detalhadamente descritos.

Quanto à nossa descoberta do emprêgo das fichas, pode também estender-se ao caso da verminose. Adiante exporemos o modo de applicá-lo. Esse novo método reúne, à sua simplicidade, vantagens práticas e econômicas para os operadores, e mais particularmente no interior do país, para os habitantes das campanhas, que carecem dos meios para procurar amostras-testemunhas e munir-se dos remédios

adequados, sendo que para a verminose podem usar-se diversos desses medicamentos caseiros, dos que se tem geralmente à mão e que se costumam empregar.

Mas, com o uso do pêndulo, os vermes são descobertos e conhecidos; ainda, o instrumento indicará ademais, dentre os remédios caseiros, os mais eficazes, quanto à espécie de vermes que se quer matar e expulsar; formulará as doses certas que convirá dar em cada caso, quer em uma, duas, três ou mais vezes.

Lembramos que a dosificação dos remédios se obtém pelo acôrdo mental, depositando, ao mesmo tempo, na mão do doente, e em pequena quantidade, o remédio caseiro (escolhido) para uma dose diária, por exemplo, até que o pêndulo suspenso por cima, dê gições positivas, indicando o limite da dose. Isso, no caso em que o pêndulo esteja de início, oscilando ou girando negativamente ou bem, ainda, se parado.

O pensamento do operador deve estar exclusivamente voltado e fixo na operação que está praticando, evitando tôda e qualquer distração do seu espírito.

A VERMINOSE NO HOMEM E NOS ANIMAIS

A verminose no homem e nos animais, isto é, nas criações, pode ser descoberta de maneira muito simples por intermédio do pêndulo. Ainda mais, este instrumento dará a conhecer, como já dissemos acima, a espécie dos vermes parasitários que infestam o tubo intestinal quer do homem, quer dos animais examinados.

Esses conhecimentos têm uma grande importância quanto à cura, porque permitem selecionar com

maior segurança e acêrto o remédio especificamente mais adequado.

Para determinar a espécie de vermes parasitários, o operador valer-se-á de amóstrás-testemunhas se puder procurá-las. Mas, para os habitantes do interior e os criadores, a procura de tais amostras torna-se difficílma, senão impossível; quanto à análise das fezes, dejeções, achamos que ainda a dificuldade seria muito maior e excessivamente onerosa.

EXPOSIÇÃO DO MÉTODO DAS FICHAS APLICADO À VERMINOSE

Aprontam-se as fichas levando cada uma o nome dos vermes que costumam estabelecer o seu "habitat" no intestino humano e que são os causadores dos graves incômodos de que padece muita gente e sobretudo as crianças.

Colocam-se essas fichas numa mesa, formando um pequeno arco de círculo e a 8 a 10 cm. uma da outra, e mais ou menos no centro do arco, manda-se pôr a mão do doente, ou bem um objeto ou coisa íntima dêle, ou ainda, na ausência do paciente, uma ficha com o seu nome. Pronto êsse dispositivo, suspende-se o pêndulo entre as fichas e a mão, objeto íntimo ou a ficha com o nome do doente.

Para a verificação dessa primeira experiência, pode-se pôr dentro da mão do doente se estiver presente, uma após outra as fichas levando os nomes dos vermes; as gições positivas do pêndulo suspenso acima dessa mão confirmarão que o parasita é bem o que está designado na ficha que o doente tem na mão naquele instante.

Outro meio de verificação em valer-se do método das fichas, consistirá, com a presença ou não do doente, em colocar a ficha do seu nome e a que leva o

nome do verme designado na primeira experiência a 20 ou 30 cm. uma da outra e de suspender o pêndulo no meio da distância. As gições positivas demonstrarão que há sintonização entre as duas fichas, e que o verme indicado é realmente o causador dos incômodos do paciente.

Pode se dar o caso que o pêndulo, na primeira experiência indique a presença de mais de um verme de espécies diferentes; as duas verificações subseqüentes deverão sempre confirmá-lo.

Confirmada a existência do verme e determinada a sua espécie, falta ainda fazer a escolha do remédio mais eficaz para matá-lo ou expeli-lo.

Para êsse fim, opera-se exatamente como para a descoberta do parasita, substituindo-se, na primeira experiência, as fichas, levando o nome dos vermes, por outras levando os nomes dos diversos remédios conhecidos, próprios para a destruição dos parasitas, ou melhor ainda, pelos próprios remédios, se por acaso os tiver à mão, sem mudar demais do primeiro dispositivo, isto é, conservando o objeto íntimo do doente ou a ficha que o representa, no lugar onde deveriam se achar êste, ou ainda, estando presente o paciente, e sua mão substituirá vantajosamente objeto e ficha. O pêndulo suspenso como já foi dito, na primeira experiência, após algumas gições, oscilará na direção de um dos remédios; e será este, o indicado pelo pêndulo que mais convém para a cura, matar os bichos ou expulsá-los.

Proceder-se-á à verificação dessa segunda experiência da mesma forma como foi indicado acima: remédios uns após outros na mão do doente, caso estiver presente, ou bem, ficha-remédio a 20 ou 30 cm. da ficha do doente. Existindo sintonização, o pêndulo girará positivamente. Gições negativas demonstra-

riam que nas operações precedentes tem-se produzido algum êrro e que é preciso recommçá-las.

As gições do pêndulo deverão ser positivas sempre, a fim de que o operador possa ter a certeza de não ter caído em êrro.

Quanto à aplicação do remédio, deve-se proceder como está prescrito para o seu emprêgo, isto é, conforme a bula que acompanha, se é remédio de botica. Se é planta, remédio vegetal ou caseiro, o pêndulo determinará a dose a tomar. Para aplicação de remédio homeopático nada há que indicar. Para dosificar com acêrto, um medicamento caseiro, coloca-se na mão do doente, em pequena quantidade, o remédio, folha, casca, raiz ou flores.

O pêndulo suspenso acima da mão e do remédio, oscilará ou girará negativamente. A dose ficará assim exatamente determinada e acertada. Se o pêndulo estiver parado no começo da operação, movimentar-se-á, desde logo que a dose tenha sido alcançada, dando então gições positivas. Prèviamente, fixa-se mentalmente em si, se a dose diária é para uma, duas ou três vêzes ao dia.

O operador poderá ainda verificar a exutidão de sua operação colocando o remédio assim dosificado a 20 ou 30 cm. da mão do doente, ou da sua ficha, ou ainda da do verme descoberto, e suspenso o pêndulo no meio da distância, as gições deverão ser positivas.

OBSERVAÇÃO — No começo dêsse capítulo, sôbre a aplicação do método das fichas para denunciar a verminose e descobrir a espécie de vermes parasitários, temos apresentado uma dificuldade: a constituição das fichas com o nome dos vermes, nomes científicos, e insinuamos as vantagens que daria a publicação de listas compreendendo os nomes de todos

os parasitas, tanto os que vivem à custa do corpo humano, como os que infestam os animais de criação e outros. Esse desideratum que é difícil senão impossível de se conseguir, não constitui, porém, um obstáculo; e, de não conhecer o nome próprio, o nome científico, não seria um impedimento para descobrir o verme indicado.

Amostras-testemunhas podem ser constituídas quase na hora mesma de proceder às buscas, valendo-se de fragmentos ou de pequenas parcelas das dejeções frescas do animal doente, mesmo que nelas não haja ou não apareça nenhum vestígio dos vermes cuja identidade e presença se trata de descobrir. Porque, nessas buscas, o fim principal é, sobretudo, o de descobrir o remédio adequado para matar e expulsar os bichos parasitas.

Os criadores que conhecem de certo, e mais ou menos de vista, os vermes que infestam suas criações, têm por hábito de designá-los por nomes vulgares, que variam, às vêzes, conforme os lugares, mas que são, assim mesmo, conhecidos entre a gente das campanhas.

Esses nomes, pois, com a falta de amostras-testemunhas são para os operadores-criadores que os conhecem, tão próprios para a confecção de fichas, quanto os nomes científicos, e podem, em todos os casos, substituí-los.

E' dessa vantagem que os criadores podem tirar grande proveito para a escolha do melhor remédio, quando usar fichas.

Para a cura das criações, o operador experimentará quer com amostras-testemunhas se as tiver, quer com fichas: suspenso o pêndulo a alguns centímetros do corpo do animal, tendo o operador em uma de suas mãos a amostra-testemunha ou a ficha com o nome do verme (de que se trata de verificar a presença), o

dedo índice da mão esquerda em antena, dirigida para a parte do animal frente à que prospeta o pêndulo. As gições positivas confirmarão que a ficha guardada na mão do operador, leva bem acertado o nome do parasita inimigo que se precisa combater, ou que a amostra-testemunha que tem na mão sintoniza com o que afeta o animal doente. As negativas indicarão que não existe acôrdo entre a ficha ou a amostra-testemunha e o verme que se procura descobrir. Recomeça-se então a experiência com outra amostra, e com outra ficha, até acertar, isto é, conseguir gições positivas.

As amostra-testemunhas para a fauna intestinal podem ser constituídas, como já ficou dito, por dejeções frescas, mesmo que não contenham verme nenhum. Se essas amostras derem gições negativas, seria a prova que não existem vermes no caso em apreço. Atribuir-se-ão então os incômodos provados à outra causa. Não obstante, o pêndulo poderá sempre indicar o remédio próprio para sua cura.

Em todos os casos, à falta de amostras-testemunhas, o emprêgo do método das fichas dará sempre os mesmos resultados quer para descobrir a causa da doença, quer para indicar os remédios mais próprios para o seu tratamento e cura.

FAUNA MICROBIANA

Repisamos ainda mais uma vez, o que já foi dito: "que não se deve confundir a fauna microbiana com a verminose". A seguir, ajuntamos algumas explicações à respeito daquela. Como se acabou de dizer acima, o pêndulo denunciara também a presença de qualquer espécie de micróbios, especificando a que infesta o intestino ou qualquer outra parte do corpo.

Assim, poder-se-á reconhecer a presença dos gonococos, estafilococos, estreptococos branco, citrino e dourado; a dos pneumococos, enterococos e outros bacilos como os da sífilis, da tuberculose, os amebas, e os colibacilos; a existência de câncer, tereno ou disposições precancerosas, e pretuberculosas.

Na verdade, esses conhecimentos, para muitos tornam-se supérfluos, completamente desnecessários, e só podem ser proveitosos para os que já têm uma preparação especial e conhecimentos em medicina; porém, serão de grande utilidade para todos os doutores que terão tôda facilidade para se constituir uma coleção de amostra-testemunhas de quase todos os micróbios e virus conhecidos.

Poder-se-á também e à vontade, valer-se do método das fichas para substituir as amostras-testemunhas que faltarem à coleção.

Outrossim — Cuidando das doenças humanas nas pesquisas dos remédios, de que se trata especialmente nesta obrinha, lembramos que não se cogita de descobrir o nome das enfermidades, mas sim, dos remédios que as curam.

Tratando da verminose, o operador pode interessar-se a conhecer o verme causador dos incômodos, porém, em fim de conta, o interesse maior, para ele, como para o doente, é a descoberta do melhor remédio.

Sòmente, em atenção à essa busca, e para simplificar o processo, pode-se operar exatamente como se se tratasse de qualquer outra doença ou incômodo. (Ver Cap. IV). Sem embargo, recomendamos ainda como mais rápido o processo exposto neste presente capítulo, do emprêgo das fichas, como indicado para a busca dos remédios para vermes.

CONCLUSÃO

Não se deve perder de vista, que o nosso escopo, na publicação deste pequeno trabalho de vulgarização tem, simples e unicamente, o intuito como o diz seu título, de pôr ao alcance de todos, e tornar popular, um ramo da Radiestesia pelo emprêgo do pêndulo nas pesquisas e na seleção de remédios para a cura de tôdas as enfermidades. A segunda edição foi acrescida de instruções e de diversos métodos applicados à prospeções e buscas tocando outros ramos que a miúdo muito interessam os moradores das campanhas e que para eles são de uma utilidade indiscutível, mas que por fôrça fomos constrangidos a resumí-los.

Resumimos os principais conhecimentos indispensáveis que devem ter todos os que, com o fim de aproveitar estes breves ensinamentos, ou como simples curiosos, desejem exercitar-se no manejo do pêndulo, verificando de per si, o poder verdadeiramente MÁGICO que possui um instrumento tão singelo como é.

Aqui, não temos dado, a respeito do seu uso, senão alguns dos serviços que pode prestar, e que são dentre os demais, os que julgamos ter a maior importância, sob o ponto de vista mais popular, social e humano; quanto ao seu fim, dirigido, em geral, aos doentes que são inúmeros em todos os países trará mais depressa, com a confiança, a saúde nos lares, propor-

cionando aos enfêrmos, e sem hesitação, os remédios mais adequados para sua cura. E' o próprio instrumento, o indicador seguro, e o que faz a escolha do medicamento que se há de receitar e de aplicar em todos os casos em que houver alteração funcional nos órgãos ou que apresentem qualquer estado mórbido.

Não há exageração, como se poderá comprovar pela leitura do exposto no presente trabalho, e ainda menos, não há charlatanismo; embora seja, por meio deste que, sem nenhum conhecimento, haja quem explore a ignorância do seu próximo, e até mesmo, valendo-se, sobretudo, dessa ciência nova, ainda pouco conhecida, a Radiestesia.

O poder do pêndulo só há de sofrer críticas em certos casos. A única censura que se lhe pode fazer é de movimentar-se sofrendo ou sujeitando-se à auto-sugestão do operador e até mesmo à sugestões alheias.

Não há negar que aí está o perigo e que êsse caso ocorre: mas, se é assaz frequente nos principiantes, — que com perseverança e tenacidade chegam a defender-se e afastá-lo, — a auto-sugestão como a sugestão alheia não se manifestam nos bons radiestesistas cuja prática e os conhecimentos, junto ao complexo das suas fôrças moral e volitiva, os põe a salvo de deixar-se dominar pela vontade superior que os anima nas suas pesquisas, nos seus estudos, e nas suas experiências, nas quais o pêndulo é para eles o guia fiel e seguro.

Insistiremos, pois, para que, na hora de proceder-se a uma prospeção (pesquisa), seleção ou experiência, agir sempre com tôda calma, fazendo com que sua fôrça moral enxote fóra de si todo e qualquer pensamento alheio; de manter a preeminência de sua fôrça de vontade, sem exercer nela a mínima pressão que seja, até obter-se o resultado que se deseja.

Agiremos como se se tratasse de um rogo, de uma súplica que parte do mais fundo de nosso âmago para que surja e apareça a VERDADE.

Não se deve desejar outra coisa.

Nunca a mente do operador deve estar pronta a constatar e a obter um resultado premeditado ou já entrevisto.

Isso é bem compreensível. Em tal caso prevaleceria então a auto-sugestão.

A BUSCA DA VERDADE
É O LEMA QUE DEVE, A CADA INSTANTE,
GUIAR O PERFEITO RADIESTESISTA.

Fim

Composto e impresso nas oficinas gráficas da
Empresa Edit. "O Pensamento" Ltda., em 1951.

A MARAVILHA DA VIDA

MILTON I. LEVINE E JEAN H. SELIGMANN

Do que e porque nascemos é o assunto desta obra que trata com lucidez e sem sentimentalismo, da educação sexual.

Na verdade, a história da vida é apresentada com tal objetividade e ainda com tamanha beleza, que parece a bem dizer que a vida é que fala. Este volume é de grande utilidade para todas as pessoas, e, ainda, de um modo todo especial serve para alertar os jovens sobre o complexo problema da vida sexual:

PEDIDOS À

EMPRESA EDITORA "O PENSAMENTO" LTDA.

PRAÇA ALMEIDA JUNIOR, 100 -- SÃO PAULO